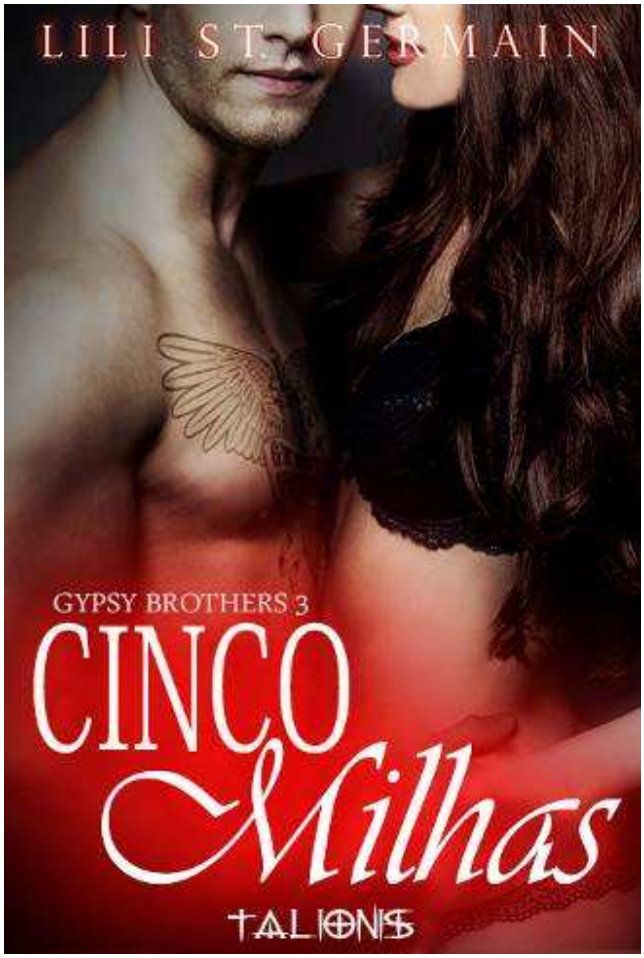

Cinco Irmãos

Lili St. Germain

Série Gypsy Brothers 03

Meu pai me ensinou a importância de olho por olho, a regra fundamental, enraizada em todos os membros do clube. Uma vida por uma vida. Sete vidas no pagamento de uma lista inimaginável de pecados.

As pessoas podem perguntar por que estou fazendo isso. Se esta vingança é suportada por alguma causa nobre. Se estou tentando evitar que outras pessoas sofram nas mãos de Dornan Ross e seus filhos. Mas eu não sou nenhuma justiceira altruísta.

Estou fazendo isso por mim. Estou fazendo isso porque eu quero. Estou fazendo isso porque eu só quero ser capaz de dormir à noite sem ver seus rostos. Este é o destino que eles ganharam. A penitência por seus crimes. Tempo para enviar alguns desses irmãos com um estrondo.

Deus vos deu um rosto, e você tornou-se outro.
Hamlet, William Shakespeare

Eu não sei se foi Deus quem me deu o meu rosto ou minha mãe ou meu pai, mas de qualquer forma, ele já se foi. Fatiado a distância, remodelado por um homem com olhos bondosos e mãos hábeis.
Eu fiz isso para que ele me desejasse, para que ele não soubesse quem eu realmente era.
E agora eu tenho o rosto de um assassino.

Traduzido e Revisado do Inglês
Envio do arquivo: ***Leka***
Revisão Inicial: ***Cris Reinbold***
Revisão Final: ***Leka***
Formatação: ***Cleusa***
Imagem: ***Élica***
Talionis

Comentário Cris Reinbold: E a mulher que um dia foi uma menina... está a cada dia mais entranhada na teia de seus pesadelos... e o diabo que um dia foi seu anjo... esta a cada dia mais perto de rasgar a teia e roubar seus sonhos.

Capítulo 1

Aqui está o que eu aprendi em viver com o diabo:
Não é suficiente simplesmente fazer o que ele quer. Não é suficiente em tudo.
Para mantê-lo distraído, ambos temos que acreditar na mentira.

Capítulo 2

Alguém me perguntou uma vez se vingança nunca é justificada.

Claro que é. Olho por olho.

As pessoas podem perguntar por que estou fazendo isso. Se estou tentando impedir alguém de ser ferido pela família Ross. Se eu sou simplesmente sendo uma justiceira.

A verdade é que estou fazendo isso por mim. Estou fazendo isso porque eu gosto. Estou fazendo isso porque o olhar no rosto de Maxi, e Chad, quando eu os matei, era um bálsamo para a minha alma. Estou fazendo isso, porque é isso que todos eles merecem.

Coquetel envenenado. Estricnina e cocaína.

Ele foi feito para ser simples e direto. Matar Maxi, cheirar um pouco eu mesma, apenas o suficiente para fazer meu nariz sangrar e meus olhos parecerem cansados, em seguida, ir e encontrar alguém para *tentar acordar Maxi.*

Apenas, o que quer que eu encomende através dos meus contatos foi extremamente letal, e eu tive a sorte de estar viva, segundo os médicos.

De acordo com Jase.

Maxi estava morto, eu já sabia isso, mas o que eu não previ era acordar exatamente no mesmo hospital onde eu quase morri há seis anos.

Foi como um *déjà vu*. Então, é claro, estraguei essa articulação, logo que pude. Arranquei o IV do meu braço, um fio fino de sangue no meu pulso marcando sua saída repentina.

Três horas da manhã em Venice, Califórnia, não é bonito. É sujo e violento e cru. Os sem-teto amontoados em frentes de porta. Um grupo de rapazes bebendo e brigando na rua. Uma drogada na sarjeta, agulhas frescas ainda penduradas em sua coxa, quando ela ri loucamente. Pops de ruído a distância que poderia ser tiros ou escapamento de um carro, mas eu apostaria meu dinheiro nos tiros.

Saio em torno de uma pilha de cacos de vidro para o que parece ser a décima vez desde que deixei o hospital. Normalmente, estas cinco milhas de caminhada só me levaria uma hora ou assim, mas eu quase morri há algumas horas. Estou cansada pra caralho e sinto que alguém está me levou e abalou duro, até que todos os meus dentes estão soltos e meu cérebro está machucado.

Em suma, me sinto como merda. Assim, não é de admirar que as primeiras palavras que saíram da boca de Elliot ecoem nesse sentimento.

Bato levemente na porta da frente do Lost City, estúdio de tatuagem de Elliot, e quase caio na

loja quando a porta se abre. Olhos azul-acinzentados de Elliot espreitam em mim, tingidos com preocupação e falta de sono. Ele está com os pés descalços, um roupão marrom fino amarrado frouxamente em sua cintura.

—Ei, vovô, — digo. —Robe lindo.

—Você parece uma merda, — ele me cumprimenta. Faço cara feia para ele e entro no estúdio, escuro e silencioso, um refúgio bem-vindo das ruas lá fora.

—Obrigada, — respondo, minha voz como cascalho e poeira.

—Belo traseiro, — acrescenta. Olho para baixo na bata do hospital vômito verde transparente que está aberto na parte de trás.

—Aqui, — diz ele, tomando o seu robe e entregando, ficando vestido nada além de boxers amarelo-canário. *Nossa Santa*. Fico olhando para seu peito tatuado, um lugar que era completamente desprovido de tinta, há três anos, quando ele me deixou em Nebraska. Há tanta coisa acontecendo que não sei para onde olhar. Um crânio gigante que ocupa a maior parte do meio do peito, rodeado por imagens e citações escritas em diferentes idiomas. Quando ele se vira para trancar a porta, vejo que as costas também estão cobertas, de ombro a ombro, com um gigante mapa do velho mundo.

Ele se vira para mim. —Mal posso esperar para ouvir sobre isso, — diz, apontando para a minha roupa, que ainda é visível por baixo do roupão aberto que está estendido sobre meus ombros. —Perdeu sua calcinha em um baile de máscaras? Ou será que um motociclista sexy derreteu-a fora de você?

—Ha, ha, — respondo secamente, meu olhar viajando de volta ao encontro de seu rosto. —Tinta boa, — digo, impressionada.

—Eu tenho o seu nome na minha pica, — diz ele com falsa seriedade, uma mão indo para a cintura de suas boxers. —Quer ver?

Rio. —Seja como for, El. Acho que você tem esculpida em seu coração, mais provável. —Estou tentando ser engraçada, mas o humor é perdido em Elliot, que passa rapidamente o olhar para o chão e franze os lábios sem jeito.

—Posso ir lá em cima? — Pergunto.

Elliot muda de pé para pé desajeitadamente, mordendo o lábio. —Julz, é o meu fim de semana com Kayla. Eu não sei se isso é uma boa...

Um pequeno grito vem do andar de cima, quase inaudível pela porta que leva à escada.

—... ideia, — Elliot termina. —*Merda*. Espere aqui por um minuto.

Ele não me quer perto de sua filha. Engulo grosso modo, o meu peito de repente ferido dolorosamente.

Ele não quer que ela me veja.

Ele desaparece na escada, fechando a porta atrás de si. Certo. *Não bem-vinda*. Aproveito a mensagem alta e clara. Contemplo sair, mas é quase quatro da manhã e quero algumas horas de refúgio com Elliot antes que eu ligue para Jase me pegar no hospital.

Olho para as paredes da sala de estar, lençóis brancos de parede a parede, brilhante e impresso com cada desenho de tatuagem que se possa imaginar. Dragões e letras intrincadas e caveiras. Os símbolos e citações. Os pássaros em voo.

Muitos deles parecem desenhados à mão, e noto um rabisco no canto inferior da maioria das fotos. EM.

Elliot McRae.

Uau. Eu sabia que ele era bom, mas que ele desenhou a maioria destas coisas por si mesmo? Funde minha mente.

Toco meus dedos em um desenho intrincado de um crânio preto e branco coberto no que parece ser brilhante luzes amarelas, rodeado por rosas. Parece que ele não corresponde, mas olhando para o design, iluminado apenas por uma lâmpada suave no canto da sala e os fios de luar fluindo através das rachaduras nas cortinas, é uma das coisas mais bonitas que eu já vi.

—Hei.

Me viro para ver Elliot na parte inferior das escadas que levam até o apartamento, uma criança pequena colocada no espaço entre o ombro e o queixo. Ela tem um tufo de cachos castanhos escuros que derramam sobre o rosto, mascarando.

Eu não posso ajudá-lo. Olho, com um sorriso largo que se estende em toda a minha face. O quadro de Elliot como pai, a filha se aconchegando apertado contra ele, mexe com algo velho e enterrado dentro de mim.

Ele é um pai, do jeito que eu *nunca* vou ser uma mãe. Estou muito machucada emocionalmente arriscar em trazer uma criança a este mundo. Eu simplesmente não podia fazer. Nada de bom poderia vir da escuridão dentro de mim.

Elliot faz gestos com a cabeça para que eu siga e começa a subir as escadas. Eu sigo, fechando a porta que separa o espaço do estúdio de tatuagem das escadas atrás de mim.

Rastejo pelas escadas atapetadas tão silenciosamente como posso, estremecendo com o rangido

ocasional nas tábuas do assoalho abaixo. Vejo como Elliot arredonda o canto no topo das escadas e desaparece. Por alguns momentos ouço Kayla balbuciar baixinho, depois tudo fica em silêncio.

Sem saber o que fazer comigo mesma, ando até a cozinha, o pequeno lance de escadas levando todo o ar de meus pulmões, me deixando ofegante. O banco é legal sob as palmas das mãos, e fico lá por um longo tempo. Os únicos sons são o gotejar lento de uma torneira em algum lugar, e o calmante *ssssssssh* de Elliot soando pelo corredor.

Alguns momentos depois, ele entra na cozinha, bem como, o quarto escuro, iluminado apenas pela luz suave na sala de estar. Devo parecer uma visão porque seu rosto vai todo leve e preocupado como ele costumava fazer, e ele abre os braços para mim. Passo em frente timidamente, colocando-me em baixo do queixo, como nos velhos tempos. Exceto... algo parece diferente. Quero dizer, além do fato de que não estamos mais juntos. Algo parece estranho fisicamente entre nós, e eu quase rio quando percebo o que é. Devo estar cansada.

—Você sabe, — digo levianamente, — era muito mais fácil abraçá-lo sem essas bazucas entre nós.

Seu corpo enrijece, e não em um bom caminho. —Sim, bem, o Gypys Brothers devem amá-los, certo? — Seu tom é amargo e abro a boca, surpresa. Só não tenho um retorno para isso, porque ele está certo. Eu *odeio* que ele está certo.

Elliot me liberta e dá um passo para trás, coçando a parte de trás de sua cabeça e franze a testa. —Você já transou com ele?

Sinto meu rosto corar quando olho em qualquer lugar, mas em seu rosto. —Quem, Jase? Não!

Elliot me dá um olhar enlouquecedor. —Não *Jase*.

Meu sangue corre frio e arrepios ardem em meus braços. Não respondo, mas o olhar em seu rosto me diz que ele pode ler a resposta em meus próprios olhos vidrados.

A devastação no rosto é claro como o dia. —Jesus Cristo, Juliette.

—Eu não planejei isso, — digo fracamente. —É só que... *aconteceu*. Era a minha única maneira de entrar, não entende?

Tremo quando ele diz às palavras que tenho evitado o tempo todo.

Ele faz um punho e passa acima do banco, e sei que a única razão pela qual ele não bate tão duro quanto ele pode é porque sua filha está dormindo menos de vinte metros de distância.

—Você está me dizendo, — ele começa tranquilamente, — que sua única opção era iniciar uma relação sexual com o homem que liderou uma gangue de estupro contra você, que quase a matou? O

homem que matou o seu *pai*? Quem provavelmente matou sua mãe?

—Ele não a matou, — digo melancolicamente. —Ela ainda está lá.

Os olhos de Elliot quase empurram para fora de sua cabeça. —O quê?

—Oh, eu não disse? — respondo, escovando seu comentário para o lado. —Eu pensei que tivesse.

Ele respira fundo e balança a cabeça, esfregando a parte de trás de sua cabeça. Ele está tão agitado. Isto não é como eu imaginava que isto acabaria. Estava à procura de descanso e refúgio com um cara de confiança, um aliado não familiarizado com um interrogatório maldito às quatro da manhã.

Ele solta um suspiro em um longo assobio e junta às mãos atrás da cabeça, todos os músculos de seus braços e ombros tensos, enrolados firmemente. Em qualquer outra situação eu diria que parece quente. Mas aqui, agora, ele parece francamente assustador.

—Você não pode voltar para lá, — diz ele, seus um e noventa elevando-se sobre os meus um e setenta.

—Pare com isso, — respondo, balançando a cabeça. —Eu não estou tendo essa conversa com você de novo.

Ele está chateado. —Sim, você está. Porra, Julz.

Vejo aquele olhar em seus olhos, que determinada raia que o fez perseverar comigo por três anos, uma menina com um desejo de morte que ninguém no seu perfeito juízo teria desistido.

—Eu fiz isso, pior, não é? Por estar com você? Jesus, você não sabe mesmo o que é certo e o que é errado. Isso é por mim. —Ele está andando agora. —Isso é sobre mim. Você tinha dezessete anos, Cristo. Eu deveria saber melhor. —Ele está tagarelando agora, sem olhar para mim. Isso é por *mim*.

Ele está se culpando pelo meu relacionamento disfuncional com o repugnantemente Dornan? Não é culpa dele. Nada disso é.

Pisco rapidamente, lembrando-me da primeira vez em que estivemos juntos.

Elliot e Juliette.

Foi lindo.

Pela primeira vez desde que eu *morri*, senti tudo novamente. Amada. Protegida.

Querida.

A avó de Elliot não estava em casa. Ela tinha um amigo cavalheiro que ela gostava de ficar em

algumas noites em um momento, então Elliot e eu costumávamos sentar na frente de sua casa da fazenda, no pátio que envolvia em torno de toda a casa, bebendo cerveja à noite. Bem, ele iria beber cervejas e eu roubaria goles enquanto ele fingia não notar.

Esta noite, ainda era. Perfeitamente ainda. As cigarras cantavam no verão de calor era sempre tão quente em Nebraska enquanto nós balançávamos silenciosamente no assento apaixonado. Ele em seu lado. Eu do meu lado. Ele estava vestindo uma camiseta apertada branca, coberta de graxa e óleo, e jeans. Ele deixou a polícia logo depois de me trazer para a casa de sua avó, e trabalhava como mecânico. Seu cabelo estava todo despenteado com o trabalho do dia. Eu estava com meu uniforme da lanchonete, jeans e uma camiseta azul com Betty Grill impresso em todo o bolso do peito.

Estiquei a minha mão para pegar a cerveja que estava no espaço entre nós, apertada levemente nos braços de Elliot. Puxei a garrafa suavemente, fazendo beicinho quando Elliot não a soltou.

—Você é menor de idade, — disse ele, não deixando de lado a cerveja.

Eu sorri e enfiei um dedo em suas costelas, fazendo-o rir. Seu aperto afrouxou no frasco, distraído pela minha cócegas, e arranquei-o de sua mão vitoriosa.

—Estou morta, — digo, drenando o resto da cerveja antes de substituir a garrafa vazia em sua mão estendida. —Garotas mortas são autorizados a beber cerveja.

Ele apenas acenou com a cabeça, olhando para as planícies em torno de nós na propriedade remota, um pequeno sorriso em seus lábios.

—Isso significa que posso ter minha própria cerveja agora? —Pergunto de brincadeira.

Elliot se levantou e caminhou em direção à porta. —Não, — ele a jogou por cima do ombro.

Sorrio, seguindo-o para dentro de casa.

Ele era um espetáculo para ser visto, ficando na frente da geladeira aberta, as sobrancelhas franzidas, pensativo. Seus braços musculosos brilhava com uma fina camada de óleo e suor, um elemento permanente no verão úmido no interior. Aproximei-me silenciosamente com os pés descalços, um sorriso malicioso que se estendia através dos meus lábios.

Ele fechou a geladeira e se virou, batendo em mim com o braço que segurava a sua nova cerveja.

—Que? — Disse ele, cerveja espumando ao longo dos lados da garrafa.

Tomei a cerveja de sua mão e coloque-a sobre a mesa ao nosso lado, sem tirar os olhos dos dele. Sua expressão era uma mistura do que parecia ser curiosidade e resignação.

—Julz, — protestou fracamente.

—Elliot, — respondi ironicamente, puxando sua camisa de modo que ele tinha de avançar em direção a mim.

—O que... —ele começou quando tropeçou em minha direção.

—Você acha que não sei por que senta naquele banco durante toda a tarde maldita? — sussurrei, na ponta dos pés agora, limpando uma mancha de graxa com sua bochecha. —Eu sei o que você está fazendo. Você não vai me deixar sozinha neste casarão. Por quê?

—Julz, — ele gemeu, diminuir esse tempo.

Mordi o lábio inferior de brincadeira, minha mão na parte de trás do pescoço. —É porque você está com medo que isso vá acontecer. — Me inclinei para frente, puxando-o para baixo, de modo que nossos lábios se tocaram. Ele tinha gosto de cerveja e luz do sol, sua boca fria e refrescante. Ele tinha um sabor puro. Ele tinha um gosto bom. Ele tinha gosto de tudo o que eu sempre quis naquele momento.

Tudo, exceto Jase, isso era. Mas Jase não estava lá. Jase estava com seu pai. Jase pensou que eu estava morta.

Ele afastou-se depois de alguns momentos, pensamento fortemente gravado em seu rosto. —Não, — ele disse, mais firme que o tempo. —Você tem dezessete anos!

—Exatamente, — respondi. —Eu tenho dezessete. E estive esperando muito tempo por você, Elliot McRae.

—Você está me matando, Julz, — ele murmurou. —Você sabe disso, né?

Abaixei-me e senti a dureza crescente em seus jeans. Ele gritou e bateu na minha mão.

—Seria errado de a minha parte tirar vantagem de você, — disse ele, seus firmes dedos nos meus ombros. —Nós. Não posso. Fazer. Isso.

Fiz beicinho. —E se a gente fizer um acordo? — Perguntei, inclinando a cabeça para o lado.

Elliot fechou os olhos e murmurou, —que tipo de negócio?

Inclinei-me mais perto, com os braços em ruínas quando ele parou me segurando. Eu beijei uma trilha molhada por seu pescoço, rindo baixinho enquanto ele estremeceu sob o meu toque.

—Oh, você está rindo de mim agora? — Disse ele suavemente.

—Aqui está o negócio, — disse, voltando para seus lábios. —Você me deixa tirar vantagem de você hoje à noite, e prometo que nunca vou incomodá-lo novamente.

Ele respirava mais rápido quando puxei a cintura da calça jeans, puxando-o comigo quando descansei de volta na mesa da cozinha. Abrindo minhas pernas, eu empurrei em direção a mim e

envolvi em torno de sua cintura.

Muito em breve ele estava beijando-me de volta com a mesma intensidade crua, dança faminta em seus olhos azuis escuros. Gostei disso. Que ele estava com fome por mim. Ele fez uma menina morta se sentir viva.

Amei.

—Leve-me para sua cama, — sussurrei entre beijos. Ele congelou por um momento, virando a cabeça para o lado, suas carícias suaves acalmaram ao esmagador aperto em torno de meus pulsos. Estiquei o pescoço, tentando captar o olhar novamente. Relutantemente, ele olhou para mim, ofegante.

Juntei toda a coragem dentro de mim. —Elliot, — sussurrei, —Estou apaixonada por você.

Seus olhos procuraram os meus, vítreos e preocupados.

Engoli em seco. —Você, você se sente assim também?

Ele balançou a cabeça lentamente, e meu coração pulou um pouco. O fantasma que havia se tornado a menina suspensa no tempo, nem morta nem viva verdadeiramente sentida os primeiros sinais de esperança, de novos começando e as segundas chances. Porque apesar de ter me salvado, embora ele fosse o meu príncipe encantado e cada coisa linda uma garota poderia querer, não estávamos em um conto de fadas. Eu não era uma princesa em uma torre de marfim, e ele não era meu cavaleiro galante.

Não, não era um conto de fadas que trouxe Elliot para mim. Era um maldito pesadelo.

Ele arriscou tudo por mim. Deu a sua carreira para me certificar de que eu estivesse segura, longe de LA e dos Gypsy Brothers.

Mas apesar de tudo isso, até aquele momento, até o milissegundo quando ele sussurrou que me amava, eu não tinha realmente acreditado que era digna de ser amada.

Não depois do que eles fizeram comigo.

Eu podia vê-lo ainda lutando por dentro, em guerra com os seus sentimentos, tentando me afastar. Eu o estava perdendo.

—Eu te amo, Julz, — ele disse, colocando um fio de cabelo atrás da minha orelha. —Mas eu não posso. Depois do que fizeram com você...

Meus olhos se encheram de lágrimas naquele momento, porque, apesar de ter sido mais de um ano desde aquela noite, eu ainda podia sentir cada coisa que fizeram comigo como se fosse ontem.

—Elliot, — sussurrei com fervor — Minha única vez. Minha única vez, e foi assim? Você pode torná-la melhor. Você pode me corrigir.

Beijei-o novamente, e ele gemeu em minha boca, sua determinação escorregando. —Deus, eu te amo, — ele pronunciou, e da minha cabeça para os dedos dos pés, uma maravilhosa sensação de calor se apoderou de mim.

—Elliot. Eu preciso de você para me mostrar, — respirei em sua boca, porque as palavras não foram suficientes para uma menina quebrada como eu.

E ele me mostrou. Encheu-me de modo que eu estava inteira de novo. Por que eu era amada.

Após esse primeiro momento, eu não senti nada, exceto puro, puro alívio.

Alivio que eu não era uma menina fantasma, afinal, vivendo nas sombras, assombrando aquele menino pobre, que me salvou da morte certa.

Aliviada que eu tive a sorte de ser encontrada por alguém que poderia me colocar de volta junta, peça por peça quebrada.

A justaposição de nosso passado e presente não poderia ser mais duramente contrastado. Inocência e culpa. De manhã e à noite. Viver e morrer, peça por peça quebrada. Minha cabeça bate quando aperto o manto em torno de mim mais apertado, de repente sentindo náuseas e exposta. Cambaleio até o sofá como com as pernas cheias de alfinetes e agulhas e caio sobre a minha bunda.

—Oh Meu Deus, Elliot. Quantas vezes temos de ter essa conversa? Você não fez me *fazer* nada de errado. Eu vim para você, lembra? —Forma-se uma lágrima no canto do meu olho e silenciosamente cai. —Eu *amava* você.

Seu rosto cai, e neste momento eu só quero esquecer tudo sobre Jase, seus irmãos, e Dornan, e arremessar nos braços de Elliot. Porque, *faria* ser mais fácil. Ele nunca, jamais, *nunca* me machucaria. Ele me ama e me trata como uma rainha, até o meu último suspiro.

Mas seria uma mentira.

Ele para de andar na minha frente e se ajoelha, os olhos arregalados e suplicante.

—Você sabe por que eu finalmente sai? — Ele pergunta.

—Sim, — digo secamente. —Você estava cansado de eu roubando sua arma.

Um sorriso triste toca os lábios, e ele me dá aquele pequeno sorriso antes de voltar seu olhar para o chão.

—Você tinha pesadelos, o tempo todo.

Concordo com a cabeça. Lembro-me de noite após noite, enrolado em lençóis úmidos, gritando em silêncio, o ar viciado em meus pulmões como se estivesse sendo sufocada.

—Eu fiz, — concordo.

—Você se lembra de quem você chamou para sair deles? — Ele pergunta.

Endureço.

—Não, — ele adivinha. Balancei minha cabeça. Não me lembro de ter dito nada, só a dor em queimação e o terror. Sempre o terror.

Elliot esfrega os olhos turvos. —Saí porque depois de três anos, você ainda estava chamando por *ele*.

A memória enterrada nas superfícies longas depois de ter sido coberta de sangue e o meu coração sacudindo a sujeira.

Jase! Jason!

—Oh, — digo.

—Sei que você pensou que era porque eu queria uma vida normal. Crianças e casamento e tudo mais.

—Sim, — digo, de repente me sentindo vazia e oca por dentro.

—Eu nunca teria pedido qualquer uma dessas coisas. Sabia que não poderia dar a mim. Tudo que eu queria era *você*, Julz. E se eu tivesse ficado? Lutado por tudo. —Suas pausas de voz. —Eu não deveria ter deixado você. Sinto muito. Todos os dias, eu penso em você. O que poderia ter sido. O que teria sido se eu a conhecesse antes e a levasse longe desse clube de merda antes que fizessem isso com você. —Sua mão pressiona levemente no meu quadril, enviando choques marcantes de agonias lembradas ao longo de minha espinha, e através de meus nervos disparando.

Ele coloca a cabeça no meu colo, sua barba por fazer uma distração bem-vinda, uma vez que coça meus joelhos nus, e envolve seus braços em volta da minha cintura.

—Eu acho que, se tivéssemos nos conhecido antes de tudo, teria sido ok. Nós teríamos sido felizes.

Engoli uma pedra na minha garganta, uma mão apoiada livremente em seu cabelo curto, o outro traçando seus lábios.

—Eu acho que nós nunca saberemos, — sussurro na escuridão.

Eu me apego a ele me afogando e ele é meu bote salva-vidas, tanto de nós à deriva em um mar gelado, perdido, juntos, mas sozinhos.

Ele eventualmente se desembaraça e deixa-me sozinha, enquanto ele faz café.

E eu estou realmente sozinha.

Antes de deixar antes que seja hora de encarar a música e ligar para Jase, Elliot me examina com cansaço, sua menina ainda estava dormindo, sol da manhã derrama na janela da cozinha. Estamos de pé na cozinha no banco, bebendo café e trocando uma conversa fiada.

—Então, — diz ele. —Sua mãe realmente ainda está lá, né?

Concordo com a cabeça.

—Você acha que ela vai descobrir quem você é?

Balancei minha cabeça.

—Você acha que alguém fará?

Dou de ombros.

—Você vai me contar tudo algum dia?

Rio amargamente, a sua pergunta como um punhal no meu coração.

—Você não acreditaria em mim se eu disse.

Ele leva um passo mais perto, olhando para mim com aqueles olhos tristes.

—Tente, — diz ele, levando a xícara de café vazia da minha mão e colocando no banco.

Balancei minha cabeça. —Você nunca falou comigo de novo.

Seu olhar é tão intenso, é como se ele estivesse abrindo um buraco em meu cérebro e procurando ele mesmo as respostas.

—Eu poderia. — Ele faz uma pausa. —Você realmente mostrou a esses caras, né?

Concordo com a cabeça.

Seus olhos me fitam. —Não posso acreditar que você matou.

—Por que não? — Digo.

—Eu não sei. É só que... você. A menina que resgatou gatinhos perdidos e alimentava os pássaros com suas migalhas todas as manhãs depois do café.

—Os gatinhos e pássaros perdidos nunca fizeram mal a ninguém, — respondo. —Além disso, não é como você nunca tivesse matado ninguém.

Nebraska foi um porto seguro, um abrigo da tempestade. Uma nova casa para uma menina fantasma como eu.

Apenas, um dia, meu passado veio arremessado para o restaurante que a avó de Elliot tinha. Eu trabalhei lá, cinco dias por semana, a coleta de pratos vazios, e aderindo a segurança da cozinha com paredes de fora.

Estava fazendo minhas rondas numa tarde depois que os clientes do almoço saíram e o lugar estava quase pronto para fechar para o dia. Elliot estava me esperando no balcão enquanto pegava em um prato de batatas fritas frias. Ele estava coberto de graxa e óleo, que inebriante cheiro que se agarrou a ele sempre e que me fez sentir segura onde quer que eu fosse.

Quando o destino entrou na lanchonete e quase acabou comigo pela segunda vez.

Ouvi o sino que assinalava a porta da frente abrindo e olhando para cima do balcão para ver o meu pior pesadelo.

Um Gypsy Brothers olhando para mim.

O primo de Dornan, Marco obviamente estava viajando de carro, porque não notei uma abordagem da motocicleta.

Agarrei-me ao balcão, implorando Elliot com os meus olhos. Eu estava congelada.

Elliot me olhou desconfiado e articulo as palavras —Gypsy Brother.

Ele virou-se, em pé na minha frente.

—Estamos fechados para o dia, — disse Elliot, me protegendo como se escondesse atrás do balcão.

—Juliette? —Marco disse rispidamente, ignorando Elliot completamente quando ele aproximou-se do balcão e olhou ao redor.

—Bem, bem, — ele zombou, de cócoras sob os pés quando ele estendeu a mão para mim. —Você parece muito bem para uma menina morta.

Na janela, vi a reflexão resignada de Elliot quando ele sacou a arma da cintura, apontou-a para a parte de trás da cabeça do Gypsy Brothers, e disparou, me salpicando com uma névoa fina do que parecia ser o ketchup que eu acabei de limpar.

Marco caiu morto no canto enquanto eu gritava e Elliot virou a placa na porta da frente para FECHADO.

Os olhos de Elliot escurecendo, as sobrancelhas comprimidas juntas. —Você tem que falar isso?

—Sinto muito.

—Eu fiz isso por você.

—Eu sei. Você sempre fez tudo por mim.

Sua menina desperta, chamando o pai de seu quarto, ele me beija na testa e eu saio.

Voltar para os poços de fogo, em seguida.

Voltar para Dornan.

Voltar para *Jase.*

Capítulo 3

Poucos minutos depois, estou em um táxi, no caminho de volta para o hospital. Elliot apenas me deixou ir embora depois que prometi a ele que iria encontrá-lo no armazém, em poucos dias, para discutir o meu plano de jogo. O pensamento fez um buraco no estômago. Sei que ele vai tentar e falar de continuar, e não quero ouvir isso. Eu só quero matar todos os irmãos Ross do caralho.

Exceto, Jase, é claro.

Permito-me pensar um pouco sobre o que Jase vai fazer se ele descobrir quem eu realmente sou.

Se ele sabe que eu matei seus irmãos e enganei a todos.

Talvez ele vá me matar, depois de tudo.

Devo estar completamente estupida, porque parte de mim pensa que pode ser apropriado, sabe? Para um círculo completo. Para ele descobrir o quão louca eu sou e coloca uma bala na minha cabeça.

Prefiro compartilhar meus momentos finais com ele do que com Dornan, de qualquer maneira.

Digitalizo a frente do edifício, nervosa. Sem motos no estacionamento. Nada de Gypsy Brothers montando guarda nas portas de correr. *Ufa*.

Pago o motorista de táxi com o dinheiro que Elliot empurrou no meu bolso quando eu estava saindo. Ainda vestida com nada além da bata de hospital e o robe de Elliot, ando rapidamente em direção às portas da frente. Estou cinco passos de entrar no hall de entrada do hospital, quando alguém sai e agarra meu braço.

Meu rosto cai quando eu vejo. *Merda*.

—Você é uma verdadeira menina de festa, não é? — Jase zomba para mim. —Onde o *caralho* você esteve?

—Jase, — digo, sorrindo com o que eu espero é a indiferença casual. —Estava indo para uma

caminhada.

Ele está usando óculos de aviador com um acabamento espelhado, e tremo quando vejo minhas reflexões individuais em cada lente. Elliot não estava exagerando. Eu realmente parecia uma merda total e absoluta.

Jase coloca os óculos no nariz, olhando-me por cima com aqueles olhos escuros que tão devastadoramente lembra seu pai.

—A caminhada, — ele ecoa. —Às três da manhã? Por cinco *malditas* horas?

—Eu não gosto de hospitais, — digo sem jeito. —Merda, merda, merda!

—E, no entanto, você parece manter colocando-se em situações onde você quer acabar numa cama de hospital, ou em uma porra de maca no necrotério. Engraçado, isso.

Ele acha que eu ficaria um espetáculo, de pé descalça com nada, mas em uma bata do hospital fina e um roupão surrado por cima, mas Jase é aquele que se destaca, vestido com uma jaqueta de couro preta lisa e jeans escuros, seu capacete preto debaixo do braço. Vários pacientes vestidos semelhante a mim, alguns com seus IV acoplados. A maioria deles são fumantes, ansiosos para receber o seu hit de nicotina se arrastando de volta para seus quartos de hospital e olhando para os tetos de estuque bege e as paredes.

Olho ansiosamente para eles, desejando que eu fosse uma fumante para que pudesse ao menos usar isso como uma desculpa para estar aqui.

—Eu só estive aqui alguns minutos, — minto, apertando os olhos contra o sol forte da manhã.

Jase sorri, empurrando os óculos de sol de volta em seu rosto.

—Mentirosa. Eu não a vi esta manhã. Vi você caminhar para essa loja de tatuagem na porra de Venice.

Eu tenho um momento para recolher meu queixo do chão antes que eu responda. De repente, me sinto muito, muito doente. —Você me seguiu? — Engasgo.

Ele fecha a mão em volta do meu braço, apertando firmemente quando ele me puxa ao lado dele.

—Para onde vamos? — Pergunto, o pânico borbulhando dentro da minha garganta. Puta merda. Ele me seguiu, e eu estava completamente alheia porra. Estou derretendo, ficando muito arrogante.

—Cale a boca. — Ele continua a me arrastar, enquanto eu entro em pânico. Luto contra a sua mão de ferro. — Jase, — digo, puxando para trás. Ele não responde, apenas continua me arrastando. —Jason! — Nada. Eu faço a única coisa que eu posso pensar. Sento-me, no meio da calçada,

recusando-se a ceder.

Jase olha em volta para os transeuntes, provavelmente decidindo se alguém se importaria se ele só me desse um tiro bem aqui e me deixasse sangrar. Eu não sei.

—Levante-se, — ele sussurra.

—Não, — digo. —Não até que você me diga para onde estamos indo.

Ele suspira impacientemente. —Eu vou levar você de volta para minha casa, — diz ele com os dentes cerrados. —Não que eu realmente queira você lá, mas ordens são ordens.

Meu coração afunda. —Ordem de quem?

Ele espalha as palmas das mãos grandes. —Quem você acha, Sammi?

Ele ainda está me chamando Sammi, pelo menos. Isso é um pequeno alívio.

—Você vai me machucar? — Pergunto, calmamente o suficiente para que apenas ele ouvisse.

Alarme brota em seu rosto e ele tira os óculos de sol, olhando para mim com um olhar perturbado no rosto. —O quê?

—Bem, não é?

—Não, — diz ele com firmeza. —Ninguém vai machucá-la. Provavelmente, vou chamá-la de idiota para o que você fez lá atrás com o meu irmão, mas não, eu não vou machucar.

Ele oferece a sua mão e eu hesito por um momento antes de segurar. Ele me puxa para os meus pés, ainda me olhando com curiosidade. —Nossa, alguém realmente fez um número em você, não é?

Você não tem ideia.

—Algo como isso, — digo com voz fraca.

—Bem, você está realmente na merda agora. Se meu pai descobrir que você foi a única que trouxe o coquetel para a festa de Maxi, *ele vai* matá-la.

—Não fui eu, — digo com voz fraca.

Foda-se! Ele acha que fui eu?

—Seja qual for, — diz ele à medida vira na esquina do hospital chegando a sua moto, estacionada em um compartimento de ambulância. Bom. Ele entrega o capacete para mim. —Coloque isso.

—O quê?

Jase parece impaciente e cansado. —Coloque o capacete na maldita cabeça. A última coisa que eu preciso é o seu crânio engessado em toda I-5 Freeway, porque você não usou um capacete.

Procuro a moto com os meus olhos. —E você? — Pergunto, levando o capacete e puxando-o

para baixo sobre a minha cabeça. Não me movo quando Jase vira o queixo, os dedos quentes roçando meu pescoço frio.

—Eu vou ficar bem, — diz ele com a voz rouca. Ele dá um passo para trás e me olha com cautela. —Chad estava certo, você sabe.

Meu coração salta uma batida, ou pelo menos parece que ele faz. — O que? — Faço barulho.

—Seu sotaque suga as bolas. —Com isso, ele balança a perna por cima da moto e chuta o suporte com a bota preta.

—Samantha, — diz ele com a voz rouca.

—O que? — Sussurro.

—Suba na porra de moto.

Fico ali, congelada, meus pés firmemente plantados na calçada. Por alguma estranha razão, de repente eu me pergunto onde meu corset é. Meu espartilho e meus saltos de patentes pretos. Provavelmente na lixeira do hospital. *Oh bem*.

—Sammi, — diz ele, com mais força. —Suba. Na. Moto. *Agora*.

Varro meus olhos em torno de mim, decidindo que eu não tenho escolha. Para ir com Jase é mais seguro do que correr e ter os gostos de Dornan e os outros irmãos depois de mim. Com Jase posso argumentar.

Fico na ponta dos pés até a moto e levanto uma pesada perna cansada sobre a moto. Graças a Deus pelo roupão de Elliot, ou eu estaria mostrando um monte de partes íntimas balançando a perna por cima da moto.

Embaralho a frente de modo a minha pélvis se encontra ajustada a Jase por trás, passando os braços ao redor da cintura coberta de couro. Ele olha para mim antes de projetar o motor.

—Espere, — ele ordena sobre o ruído ensurdecedor.

Ele não é gentil quando ele vai forte e rápido pela cidade à sua porta da frente.

Uma parte de mim pensa que ele está tentando me fazer cair. Outra, menor parte está febrilmente preocupada que ele vai descobrir quem eu sou, e rápido.

Eu me agarro a ele com força, o tempo todo querendo saber se é sensato deixar ir e terminar tudo agora, antes que ele descubra a pessoa que eu me tornei.

Antes que ele tenha a chance de me odiar ainda mais do que já faz.

Capítulo 4

Em uma pequena viagem até o apartamento de Jase eu vasculho minha mente por explicações críveis. A razão decente para eu deixar o hospital.

E aparece uma grande tela branca.

Quando chegamos, ele espera por mim para sair da moto antes de chutar o suporte para baixo e saindo fora. Pegando as chaves fora da ignição, ele me empurra para frente com a palma da mão firme pressionado nas minhas costas.

Subo as escadas e em seu apartamento, faço a varredura da área de plano aberto, que engloba a cozinha e área de estar, varanda além. Olho para os meus pés descalços e bata do hospital de merda, de repente com vergonha que eu tenho que ficar um lixo.

—Chuveiro, — diz Jase, apontando para o banheiro. —Então, vamos conversar.

Concordo com a cabeça.

—Rápido, — acrescenta.

Enxaguo os restantes de sangue e finas partículas de cocaína da minha pele, principalmente do meu pescoço e no peito, antes de fechar a água. A calma, dor oca dentro de mim se transforma em um tumulto em pânico de vespas, batendo contra o meu peito, fazendo-me ter vontade de vomitar.

Ele suspeita. Quanto tempo antes de ele descobrir tudo? Quanto tempo antes que ele me descubra?

Eu não tenho tempo para me debruçar sobre isso. Jase invade o banheiro, uma pilha de roupas em suas mãos.

—Hei! — Protesto, pegando uma toalha e segurando-a até meu peito.

Jase sorri, algo que ele vem fazendo demais ultimamente. A vida me privou. Privou-me muito. Eu não vi seu sorriso em um longo tempo.

—Agora você está modesta? — Ele pergunta, jogando as roupas na pia do banheiro. —Escolhi estes para você ontem à noite. Eu estava voltando para dar a você quando você decidiu ir ver o seu *amigo*.

Procuro seus olhos, tentando decifrar o quanto ele sabe. Quanto ele suspeita.

—Obrigada, — digo fracamente.

Ele dá um passo para frente, obrigando-me a fazer a volta até que minha bunda atinge os azulejos frios da parede atrás de mim.

—Como está Elliot? — Ele pergunta, deleitando-se claramente em me torturar.

Salto quando ouço seu nome. *Oh, Deus*. Eu não respondo. O que eu diria?

—Você está quieta hoje, Sammi, — diz ele, tirando uma junta contra minha bochecha, ainda molhados do chuveiro. —Pensando nas mentiras para me dizer?

Tremo, engolindo em seco. Neste momento, ele me lembra de Dornan, e é quase demais para suportar.

—Ele é seu namorado? O seu revendedor? O quê?

Ainda não respondo.

—É *que* por que você foi lá? Você está dormindo com ele?

Balanço minha cabeça.

—Não. Mas você fez. Eu posso ver.

Não me incomodo de responder a isso. Eu pulo quando ele bate as mãos contra a parede de cada lado meu, efetivamente me prendendo, enjaulada dentro de seus braços.

—Sammi, — ele grita, fazendo-me estremecer. —Esse é mesmo o seu nome verdadeiro?

—Sim, — digo fracamente.

—Olhe para mim, — ele comanda. Encontro o seu olhar com relutância, uma lágrima rolando gorda do meu olho e desembarcando na minha bochecha.

—Jase? — Digo baixinho.

—Sim, Samantha?

—Você está me assustando.

—Huh, — diz ele, com amargura. —Meu pai esfaqueia sua perna e a deixa sangrando até a morte. Meu irmão tenta entrar em sua calça, enquanto você está em uma overdose de cocaína ruim, e você está com medo de *mim*?

Olho para ele, agradecida que minhas lágrimas pararam. Estou com frio, parada aqui sem nada além de uma toalha úmida pressionado meu peito e azulejos frios em minha volta.

Ele quebra o olhar primeiro, virando abruptamente e indo em direção à porta. —Se vista — diz ele, apontando o dedo para a pilha de roupas no balcão.

Uma hora mais tarde, estou sentada em uma cadeira no telhado da sede do clube, sol batendo na minha cabeça já dolorida. Olho para baixo, para a roupa que Jase escolheu para mim, uma camisa rosa com babados na frente, e uma saia preta simples. Eu não tive coragem de dizer a ele que a camisa é um pijama. Elas podem parecer casuais e escolhidas de forma aleatória, mas quanto mais eu olho para as duas garotas sentadas perto de mim, mais tenho certeza que ele escolheu essa roupa totalmente de propósito. Isso me faz parecer mais jovem, inocente e casual, em contraste com Betty e Verônica, com sua maquiagem dura, delineador exagerado, pequenas camisas e calças pretas apertadas.

Betty e Verônica são as meninas da festa de Maxi cujos nomes não consigo lembrar parecendo uma mistura de pavor e desafiante, presa a suas cadeiras por Jazz e Donny, que ficam de guarda atrás de todos nós. Dornan está na borda do telhado com vista para a costa de Venice, arma enfiada na parte de trás de sua calça jeans em vista completa. Ele esteve assim em um total de 15 minutos agora, e sei que ele está fazendo isso de propósito. Fazendo-nos ficar com medo. Vendo quem, vai quebrar primeiro.

É neste ponto que percebo que Jase nunca foi ordenado a me levar para sua casa antes de vir aqui. Eles estavam esperando eu chegar, e da forma como as meninas estão parecendo desamparadas e suadas me diz que elas estiveram aqui muito mais do que quinze minutos. Gostaria de saber se alguém reportou a falta delas ainda.

Ou se é como eu, sem ninguém sentindo falta.

Tento ficar, pensando, se eu oferecer a Dornan algum tipo de consolo, seria a coisa certa a fazer. Isso é o que uma namorada de verdade faria, certo? Mas não estou surpresa quando uma grande mão aperta no meu ombro, me batendo de volta na minha bunda.

—Puta, eu disse que você poderia sair? — Jazz fala, em pé atrás de mim. Sinto algo frio pressionado contra o meu pescoço. O cano de uma arma está bem debaixo do meu queixo, forçando minha cabeça. Fecho os dentes, sem me mover um centímetro.

Jase, que está em pé na minha frente, olha para seu irmão, mas não diz nada. *Grande.*

Dornan vira, seu rosto uma máscara de fúria e dor. Não posso ajudá-lo, chupo em uma respiração preocupada, meus olhos correndo entre Dornan, Jase, as meninas e as manchas de sangue no concreto abaixo dos meus pés que mesmo com muita limpeza poderia remover completamente.

Eu não quero mais sangue derramado por causa dos meus erros estúpidos, e é nesse momento que decido, não importa o quê, essas meninas não vão pagar a culpa pela morte de Maxi. Mesmo que eu plantasse o coquetel em suas bolsas.

Mesmo que isso possa significar o fim para mim.

Capítulo 5

Dornan persegue mais, seu olhar viajando em cima de mim, antes de seus olhos irem para as duas meninas. Raiva está irradiando por todos os poros de seu corpo, e eu só posso imaginar onde vou estar depois, supondo que eu saia deste telhado sem uma bala entre os olhos.

Ele se inclina contra o parapeito do prédio, a mesma grade que Jase e eu passamos horas pendurados falando enquanto observávamos a água abaixo e arrastando um maço de cigarros do bolso.

Huh. Um pequeno aperto de satisfação me agarra quando percebo que ele está fumando novamente. Ele deixou quando eu era uma menina pequena, pelo menos, 12 anos atrás.

Otário.

Ele acende, tendo uma longa tragada do cigarro antes de entrar para frente e soprar no rosto da morena. Ela tosse, virando a cabeça e rebatendo a nuvem de fumaça na frente.

Assustada como estou, sou hiperconsciente de tudo à minha volta. A mão apertando em meu ombro, o caminho de Dornan é tão cheio de raiva que ele quase brilha na luz solar com pequenos tremores por todo o corpo. A veia esta grossa no pescoço, batendo furiosamente, e eu luto contra a vontade de tentar correr.

Não demonstre fraqueza.

—Recuperado sua memória ainda? — Dornan pergunta a ela, com a voz baixa e ameaçadora. Ela engasga um pouco empolada no soluço e balança a cabeça, *não*.

Ele ri, mas não há nenhuma humor por trás do ruído. Movendo-se através para a próxima garota, ele leva o cigarro da boca e pressiona o fim iluminado para baixo sobre a pele nua em cima de seu joelho. Ela pula, gritando, e tenta levar sua cadeira para trás, apenas para um conjunto de braços musculosos empurrá-la de volta para baixo.

Olho para Donny, recebendo um olhar presunçoso completo com lábio superior em resposta.

—E você, loirinha? — Dornan rosna. —Onde você conseguiu o coquetel que matou a porra do meu filho? Huh?

Ela não responde, só faz essa coisa dos soluços que faz a face de Dornan virar vermelha.

—*Quem porra matou meu filho?* — ele ruge, alto o suficiente para machucar meus ouvidos e

chacoalhar meu peito. Ele balança a menina por uma boa medida, o controle sobre seus ombros parecendo doloroso e familiar.

Ela começa a chorar. —Eu não sei, — diz ela, apontando para mim. —Ela me deu um comprimido e não me lembro de mais nada.

Grande. Cada par de olhos no teto gira para mim, o aperto no meu ombro aperta o suficiente para que eu me sinta como se meu ombro fosse rachar pela metade.

Perguntas — Sammi? — Dornan rispidamente. —Você deu a essa puta uma pílula?

Aceno com a cabeça, colocando em meus melhores olhos de corça. —Maxi tinha uma bolsa cheia delas. Será que você não encontrou o resto?

Dornan inclina a cabeça para o lado, com os olhos injetados de sangue e selvagens. —Não, — ele respira. —Nós encontramos um bando de coquetel ruim em suas bolsas, — ele aponta para as meninas que estão encolhidas em seus lugares, —e se elas não me disserem de onde tiraram isso em breve, — ele olha para cada uma delas com pausa dramática, — então vou pegar minha espingarda e atirar em suas malditas cabeças.

—Foi coquetel de Maxi, — falei quando Dornan chicoteava a cabeça para trás para mim e as meninas olhavam aliviadas.

—Por que diabos o meu filho teria um coquetel de outro fornecedor? Nós negociamos diretamente com uma pessoa, e nossos embarques têm *sempre* sido limpos.

Dou de ombros. —Acho que ele tinha um problema. Acho que ele estava tendo muito. Ele sempre foi assim por um fio, não foi?

Dornan bufa, olhando para Jase e os outros irmãos.

—Meninos?

Donny aperta meu ombro quase a ponto de quebrar, fazendo-me dobrar de dor. —Ele não tem um problema, — ele zomba.

Dornan retira a arma do cinto e detém o barril para minha testa.

—Ele me disse que ele tem que partir, — digo desesperadamente.

Dornan encolhe os ombros como se dissesse: *sim? Quem?* Ele se inclina para mais perto e falo alto o suficiente para que só ele possa me ouvir.

—Ele disse: *Ricardo* deu a ele como uma amostra. Disse que se fosse realmente bom, ele estava começando a comprar e mudar o seu fornecedor.

Reconhecimento faísca em seus olhos, e algo mais, algo perigoso. Mesmo que eu sei que é uma

impossibilidade física, juro que vi chamas laranja brilharem em seus olhos, antes de voltar para o preto.

—Bosta, — Jazz diz em voz alta atrás de mim. Eu pulo. Embora eu sussurre, ele está, obviamente, perto o suficiente para me ouvir.

—Ele nunca faria negócios com os colombianos. — Zomba Jazz. —Ele conhece a história.

—Isso é tudo o que ele disse: — Assobio, observando de perto Dornan. —Eu juro.

Dornan remove a arma da minha testa e salta contra a perna dele, mordendo o lábio. Roubo um olhar para Jase, que relaxou visivelmente desde que a arma foi retirada da minha cabeça. Se eu não estivesse sendo vigiada por um bando de motoqueiros imbecis, eu sorriria agora.

—Atire em ambas, — diz ele, apontando para as meninas com desdém.

—Espere! — Jase detém a mão, puxando seu pai para o lado e murmurando animadamente. Jazz e Donny esperam pacientemente, as suas próprias armas destinadas às meninas quando elas choram e cobrem a cabeça com as mãos.

Porque isso vai parar uma bala.

Dornan e Jase falam alguns momentos mais, antes de Dornan retorna para nós. —As soltem, — diz ele, apontando para as duas meninas.

—O quê? — Ruge Jazz.

—Você me ouviu, — Dornan responde, sua voz mortalmente calma. *Muito calma*.

—Soltem as duas. Agora.

Donny zomba, mas empurra a arma no bolso e pega cada menina pelo braço, arrastando-as para os seus pés. Como se apressando os passos de Dornan, ele limpa a garganta deliberadamente, fazendo Donny empurrar as duas meninas para uma parada.

—Por favor, não atire em nós, — os gemidos da loira, pendurando a cabeça.

Dornan coloca suas mãos em cada lado da cabeça, forçando-a para cima, para que ela atenda seu olhar aterrador.

—Você não diga a ninguém que você esteve aqui, ou eu vou encontrá-la e estripá-la como a porra de um peixe, está me ouvindo?

Ela acena com a cabeça freneticamente, seu longo cabelo loiro caindo em seus olhos.

—Eu não ouvi? — Diz Dornan, enfiando os dedos pelos cabelos e puxando.

—Sim, — a moça suspira. —Prometo, não vou dizer uma palavra.

Ele olha para a morena com expectativa, as sobrancelhas levantadas.

—Nós nunca vamos dizer, — ela acena com a cabeça rapidamente. —Juro por nossas vidas.

Ele sorri e coloca o cigarro de volta entre os dentes. Empurrando o polegar na direção da porta, ele se dirige para Jazz e Donny.

—Jogue-as fora do portão. Eu não preciso de mais ninguém vasculhando a porra do meu clube.

Os irmãos empurram as meninas para a porta e, em seguida, para baixo o lance de escadas, onde rapidamente desapareceram.

Deixando, Dornan, Jase e eu no telhado.

Delicioso.

Dornan volta seu olhar em minha direção. —Ricardo, hein? — Diz ele, estreitando os olhos para mim.

Concordo com a cabeça lentamente. —Sim.

Ele esfrega a mão livre no queixo, no pensamento profundo.

—E Jase, você acha que os colombianos têm algo a ver com a metanfetamina, que matou Chad?

Jase parece chateado. —Você está falando sobre isso na frente dela?

Ele dá de ombros, deixando cair o cigarro acabado no chão e esmagando no concreto com o salto da bota.

—Sammi sabe o que acontece com as meninas que não se comportam, — diz ele sombriamente.

Mudo desconfortavelmente no meu lugar, me perguntando se estou autorizada a levantar ainda.

—O que acontece com as meninas que não se comportam? — Jase pede a seu pai, seus olhos nunca deixando os meus.

Dornan apenas *ri*.

—Vamos, filho, — diz ele, batendo no rosto de Jase. —Você sabe exatamente o que acontece com as meninas que não se comportam.

A mandíbula de Jase flexiona, aperta os punhos com tanta força que eu posso ver os nós dos dedos ficando brancos.

Capítulo 6

As meninas estão apanhando sem cerimônia na frente do portão e estou andando (ok, arrastada) descendo as escadas e pelo corredor por Dornan. Não está claro se o meu próprio interrogatório terminou ou está apenas mudando, mas, pelo menos, as meninas estão fora do clube e podem correr

para longe, muito longe.

Ele praticamente me joga em seu quarto, e entra atrás de mim. Ele bate à porta quando tropeço em meus pés, tentando não cair de cara no chão.

—O que aconteceu ontem à noite? — Ele pergunta. —Se eu descobrir que você tem alguma coisa a ver com Maxi... — ele faz uma pausa, como se a próxima palavra é relutante em se formar em seus lábios.

—Morrendo, — ele finalmente consegue, —Vou descascar sua carne de seus malditos ossos enquanto você assiste.

Espremo uma lágrima em seu benefício. —Juro a você, eu não tive nada a ver com isso. Maxi estava cheirando muito, e mesmo quando seu nariz começou a sangrar ele não parou.

Dornan rosna. —Por que você não veio me chamar?

Olho para o chão. *Boa pergunta, idiota*.

—Ele não me deixou sair, — respondo. —Eu estava com medo. Eu não queria deixá-lo com raiva.

Ele se inclina sobre mim na cama, seu grande corpo ofuscando o meu. Afasto memórias de ser presa debaixo dele quando eu gritei, há seis anos, mas o medo ainda é uma coisa real e viva dentro de mim que me faz tremer sob o seu peso.

—Eu não sabia o que fazer, — imploro, deixando meus olhos tão grande como eles estão. Ele solta um grunhido quando uma mão quente envolve minha garganta, apertando com uma intensidade lenta que fica mais e mais, até que não posso respirar e vejo estrelas na minha visão.

Algo muda em sua expressão. Talvez seja o fato de que ele pode ver que estou passando para fora, porque ele lança seu aperto em mim e endireita, a frustração evidente em seu rosto enquanto ele anda a pequena sala.

—Diga-me exatamente o que aconteceu, — diz ele. —A partir do momento que você entrou em seu quarto até o momento em que você saiu. E Sammi?

Seu rosto é aterrorizante.

—Se você mentir para mim? Da próxima vez eu não vou deixar ir. Da próxima vez vou espremer até a porra do seu pescoço quebra em minhas mãos.

Eu não duvido, e lembro-me mais uma vez do perigoso jogo que estou jogando aqui. Como uma roleta russa, mas com mais balas na arma, e sou a garota que segura à arma na minha cabeça, esperando desesperadamente ouvir um vazio clique cada vez que puxo o gatilho em vez de meu cérebro respingar

na parede atrás de mim.

Digo uma história, e é uma história, porque nada disso é verdade. Claro, eu adiciono as partes sobre as pílulas e as meninas que foram para fora, mas é aí que a minha verdade termina.

—Maxi estava com tanta raiva quando ambos desmaiaram, — termino, depois de falar e falar, enquanto ele caminha e espreita a sala. —Ele queria que eu ficasse, porque elas não iriam acordar. Ele estava gritando e seu nariz estava sangrando e ele me fez cheirar a cocaína! —As palavras caem fora da minha boca, e acho que ele deve estar comprando o meu desempenho, porque suas mãos não estão em volta do meu pescoço novamente.

Ainda.

—Como é que alguém *faz* você cheirar cocaína? —Dornan pergunta.

Eu olho em seus olhos negros como as emoções duelando dentro de mim. Guerras de orgulho vingativo com medo dentro de mim.

—Eles mantêm a sua mão sobre sua boca e faz você inalar pelo nariz, — digo sem expressão, lembrei os meus pecados fazendo exatamente o que dança em minha mente.

—Ele era tão forte, — acrescento, sabendo que preciso parecer fraca e cansada agora. —Não tão forte quanto você, Dornan. Mas ainda muito forte para detê-lo.

Dornan se vira e dá um soco no espelho de corpo inteiro que está pendurado na parede ao lado da cama, o vidro quebra chovendo no chão e fazendo-me recuar para longe.

—Se esses colombianos estão realmente tentando começar uma guerra, — diz ele sombriamente, —eles esperaram muito uma porra de tempo para fazer isso.

Olho para os pedaços de espelho e o sangue escorrendo de seus dedos quando respondo: —Por que eles iriam querer começar alguma coisa?

Dornan para, passa a mão pelo cabelo escuro. Ele parece terrível. Tento pensar no que um carinho de uma namorada... puta faria nesta situação. Não quero abraçar o filho da puta. Posso transar com ele do jeito que ele gosta, mas eu não posso abraçá-lo.

Ele cai na cadeira de espaldar alto de couro no canto da sala, um trono condenado por um Rei que está rapidamente está perdendo o controle de seu reino.

O que me valoriza com ele agora?

Os cigarros. *Sim.*

Vejo o maço de cigarros que ele jogou na mesa de cabeceira e chego nele, retirando um único cigarro e o isqueiro de bronze preto mais leve com um dragão esculpido na frente. Acendo o cigarro

entre os dentes e dou uma tragada, dando dois passos para onde ele se senta, caindo de joelhos, com as mãos sobre as coxas.

—Aqui, querido, — digo, pegando o cigarro e colocando entre os lábios.

Ele aceita a fumaça, seus olhos negros me olhando com uma mistura do que se parece com curiosidade e raiva velada. Tiro a minha camisa para que veja que só estou usando um sutiã, pressionando a camisa de algodão para os nós dos dedos sangrando.

Olho para ele através dos meus cílios, a minha outra mão sobre o zíper. Puxo-o cuidadosamente, serpenteando minha mão dentro de sua calça, em busca de sua distração. Alguns puxões suaves e ele cresce forte, seu pau explodindo da calça. Seu rosto não dá pistas, impassível quando ele continua a desenhar pesadamente sobre o cigarro. Faço a minha mão em um punho e começo a deslizar seu pênis para trás e para frente, sua capa incircuncisa deslizando para cima até cobrir a ponta e recuar com cada curso deliberado.

Molho meus lábios e abro a minha boca, brincando com a parte inferior de sua dureza com um movimento da minha língua antes de levá-lo em minha boca. Ele tem gosto de sal e amargura, e eu tenho que dar a mim mesmo uma conversa de vitalidade mental para não parar.

Vamos. Você pode fazer isso. O que é um pouco de sexo oral? Você é uma assassina, menina.

Ugh. O apelido de Dornan para mim, na minha própria mente, em uma conversa de vitalidade que estou me dando, é simplesmente errado. Eu não sei se devo rir ou chorar, mas de qualquer forma estaria fora de lugar no clube prostituta fiel, então suprimo como suprimi o meu reflexo de vômito, levando-o para a minha garganta.

Sua mão livre em punhos automaticamente pega meu cabelo quando eu levo mais profundo, um grunhido satisfeito vindo dele.

—Jesus Cristo, — ele geme, baixo e áspero, cascalho e rochas. —Você chupa pau como uma estrela pornô.

Vibro meus cílios para ele, continuando a trabalhar a minha boca e minha mão sobre a sua dureza, deixando minha mente vagar.

Eu o sinto relaxar, pouco a pouco, com os joelhos caindo um pouco mais afastados, suavizando sua tensão, curvada contra o encosto da cadeira quando pisca crescendo mais e mais prazeroso.

—É melhor não estar mentindo para mim sobre a noite passada, — diz ele, e não posso acreditar que ele ainda pode falar aqui. Tomo isso como um desafio pessoal e chupo mais, aperto mais, tento mais, para trazê-lo até a borda do gozo.

Seus dedos puxam dolorosamente o meu cabelo e luto contra o impulso de golpear sua mão como inúmeros fios saindo dolorosamente livre do meu couro cabeludo.

—Você está falando de uma guerra em grande escala, Sammi.

Levanto minha cabeça para proferir uma resposta, mas ele arranca o meu cabelo.

—Eu disse que você podia parar, vadia? — Ele exige com raiva, puxando meu rosto para frente em seu pênis tão profundo que faz uma mordaça. Quando faço isso, ele libera suas mãos, deixando-me recuar um pouco quando eu tusso.

—Eu matei pessoas por menos, — ele continua a falar quando eu tomo a dica e continuo o trabalho com minha boca. —Muito menos.

Recebo nenhum aviso de que ele está prestes a gozar apenas alguns segundos depois de proferir estas palavras, que não seja um pulsar na parte inferior do seu pênis enquanto ele endurece ainda mais, seus dedos cavando em meu couro cabeludo, ao mesmo tempo. Sêmen atinge minha língua e no fundo da minha garganta, vários pulsos enchendo minha boca até que ele passou.

Penso em Michael, o jovem inocente que foi morto a tiros por Dornan em um ataque de ciúmes e luxúria, quando engulo a carga de sêmen que ele está apenas esguichando em minha boca. —Eu sei, — respondo, enxugando a palma da minha mão contra a minha boca quando descanso para trás em meus calcanhares.

Ele suspira pesadamente, empurrando a palma da mão contra o meu rosto quando ele acaba. Aproveito a dica e me esforço para fora do seu caminho quando ele anda para o banheiro e fecha a porta atrás de si, a raiva em sua demissão ocasional de repente selvagem bombeando em minhas veias. *Babaca*.

Quero gargarejar com antisséptico bucal tão duro, mas posso ouvir o chuveiro ligado e sei que Dornan não ficaria impressionado com isso. Eu faço a varredura da sala, à procura de algo, qualquer coisa, para remover o sabor de indução da porra da minha boca. Meu olhar pousa em cima do armário, onde sei que Dornan mantém um estoque de seus whiskys caros favoritos.

Abro o armário em silêncio e remexo em torno, jaquetas de couro e botas de montar empilhadas ordenadamente. *O homem é anal em mais maneiras do que uma*. Rio da minha própria piada estúpida quando eu empurro botas e uma mala para fora do caminho, finalmente sentindo o vidro frio debaixo dos meus dedos. Agarro a garrafa e arranco, desenterrando um litro intocado de quarenta anos de idade, uísque velho.

O bastardo sentimental. Eu me lembro de exatamente quando abriu essa garrafa, algumas

semanas antes de tudo ir à merda e eu quase morrer. Foi um presente de aniversário para ele do meu pai. Por que ele manteve após a traição do meu pai é um mistério para mim, mas de qualquer forma, ele tem que ter algumas lembranças dolorosas para ele.

Sim. Isso deve resolver.

Desenrosco a tampa, quebrando o selo de quarenta anos de idade, e atiro o boné no chão, fechando o armário e assumo um lugar no meio da cama. Tomo um gole longo que queima, do uísque, cuspindo como ele vai para baixo.

Quando Dornan sai do banheiro quinze minutos mais tarde, eu nem sequer me preocupo em tentar esconder a bebida preciosa na minha mão.

Talvez eu esteja cansada.

Ou talvez, agora, só não dou à mínima.

Capítulo 7

Ele está nu exceto por uma toalha branca em torno de sua cintura, o branco contra a sua pele muito inocente para o sangue que ele tem derramado ao longo dos anos. Ela deveria ser preta ou vermelha carmesim, talvez. Seus olhos piscam com raiva como ele vê a garrafa na minha mão.

—Que porra é essa? — Ele se enfurece, perseguindo e arrebatando a garrafa dos meados da minha boca cheia. Líquido fresco chapinha no meu peito, se infiltrando entre os meus seios e meu umbigo para baixo. Luto contra a vontade de sorrir, em parte porque não seria apropriado, mas também porque estou com medo, Ele tem esse olhar em seus olhos, um olhar assassino que significa desastre para qualquer um em seu caminho.

Tola para mim. Eu só não posso me ajudar com este homem, às vezes.

Ele toma um gole da garrafa e coloca na mesa de cabeceira, os braços cruzados com força sobre o peito nu. As gotas de água ainda se apegam ao seu peito tatuado, e seu cabelo molhado pinga todos os poucos segundos.

—Eu disse que você poderia abrir isso? — Pergunta de forma constante.

Balancei minha cabeça.

—Então por que você abriu?

Dou de ombros. —Eu sinto muito. Eu não achei que você se importaria. Estou tão assustada

sobre a noite passada, eu só queria tomar um gole.

Ele toma outro gole e desta vez bate a garrafa de volta para a mesa de cabeceira tão duro, estou surpresa que não quebrou.

—Essa garrafa era especial, — diz ele.

Não digo nada.

—Você acha que é algo especial?

O pensamento de que sou apenas mais uma prostituta para ele nunca realmente me ocorreu, especialmente depois que ele atirou naquele pobre garoto só para me impressionar. Presumi que ele via Sammi como algo único, algo que o fazia lembrar um amor do passado e luxúria, algo para moldar e brincar. Nunca me ocorreu que ele poderia não se importar com nada.

—Bem, você é muito especial para mim, — digo, realizando manobras até a beira da cama e correndo os dedos ao longo de seu braço.

Ele olha para a minha mão como se fosse uma barata morta e eu retiro lentamente, deixando-a cair ao meu lado.

—Fique de joelhos, — ele comanda. —Face à parede do caralho.

Faço o que ele diz. Ele engata minha saia para cima, recolhendo em torno de meus quadris. Ele puxa a calcinha para o lado e lentamente desliza um dedo dentro de mim. Tremo debaixo de seu áspero toque dominante.

—Você sabe que você está aqui apenas para eu usá-la, certo? — Ele continua a deslizar seu dedo dentro e fora, somando dois e depois três dedos, de modo que estou esticada e cheia com ele.

Quando não respondo rápido o suficiente, ele chega ao redor com a mão livre e aperta meu clitóris duro, enviando linhas de dor por mim.

—Certo?

—S-sim, — Choramingo, ofegando com a súbita mudança de prazer à dor. Eu deveria estar acostumada com isso agora, essa é a assinatura de Dornan, mas eu ainda sou lamentavelmente despreparada para o seu nível de depravação.

—E quando eu acabar com você, vou jogá-la fora como um pedaço de merda de lixo. — Ele retoma para me foder com o dedo, mais áspero agora, sua outra mão torcendo um dos meus mamilos. Tremo na expectativa que ele retire os dedos, apenas para gemer alto quando ele substitui com o seu pau, batendo-o em mim tão duro e tão forte como pode. Ele pousa a mão molhada, a que estava dentro de mim, no meu quadril.

No meu quadril.

É como se um interruptor fosse girado dentro de mim. Estive entorpecida por tanto tempo, quebrada e resignada com o que ele vai me usar, aguardando o meu tempo até que ele receba o que está vindo. Mas agora, com a mão firmemente pressionada contra essas sete cicatrizes, disfarçadas com tinta, uma nova raiva renasce dentro de mim.

—Talvez você devesse foder tão duro como você pode, — digo com os dentes cerrados, —Talvez isso vá me tirar do seu sistema.

Ele ri, pegando um punhado de meu cabelo solto, me puxando para cima com força e direção. Minhas costas encontraram seu peito, ele sussurra em meu ouvido: —Você tem certeza que pode lidar com isso, Sammi?

Posso sentir um puxão de um sorriso amargo na minha boca. —Você tem certeza que *você* pode, Dornan?

A minha pergunta parece desencadear algo primal nele; os dedos enfiam em minha carne tão duro que sinto suas unhas rasgarem minha pele como papel. Ele está tomando as minhas palavras como um desafio. Quem pode foder o outro mais no sentido figurado.

E literalmente.

Ele desliza seu pau todo o caminho para fora de mim, pairando a ponta do seu pênis na minha entrada, provocação. Provocando.

Fico completamente imóvel, esperando por ele para fazer a sua jogada.

E ele não decepciona. Ele recua e bate para frente, seu tamanho impressionante sentido em cada centímetro do meu núcleo quando ele dolorosamente fere a entrada do meu útero. Aperto os lençóis da cama duros mais duros, com foco em meus dedos como eles vão ficar brancos e dormentes.

Ele não se contém. Com força agonizante e velocidade, mais e mais, ele puxa para fora, apenas para dirigir de volta, tão violento e cruel como nunca. Quero dizer para parar, mas, ao mesmo tempo, *Eu não quero*. Quero que ele me foda e me machuque e me faça sangrar, me faça sentir *algo*, porque sou teimosa e torcida pra caralho, e quero ser capaz de dizer que ele tentou o seu melhor para me destruir e não conseguiu.

Quero que ele me faça sofrer para que eu possa fazê-lo sofrer no final.

Dor rasga as minhas entranhas para baixo pelo abdômen e não posso reprimir o grito que sai da minha boca.

Dornan faz uma pausa momentânea e ri, uma risada cruel e fria baixa e rouca pior que eu já

ouvi.

Olho para baixo no colchão para ver gotas de sangue sobre os lençóis.

Dornan as vê também, e a visão o faz rir.

—Veja, — ele diz, como ele continua a bater em mim. —Eu disse que ia te fazer sangrar.

Aceno com a cabeça. Ele puxa para fora de mim, e meu coração afunda quando seu pau cutuca contra a minha passagem de volta.

Ele coloca seu polegar contra a minha bunda. —E agora? — Ele zomba. —Ainda quer que eu foda tão duro quanto possa?

Oh Deus, não. Por favor. Meu estômago está em cólicas violentamente e eu sinto que estou prestes a desmaiar. Meus joelhos se dobram sob mim e caio de lado, rolando em uma bola e segurando meus braços protetoramente em volta do meu estômago.

Ele olha para mim com uma expressão de arrogância total e domínio estampado no seu rosto.

—Isso é o que eu pensei, — ele resmunga. Ele agarra meu queixo, forçando-me a olhar para ele.

—Da próxima vez, — ele respira contra o meu rosto pegajoso, — não vou parar com sua boceta, menina. — Com isso, ele mergulha sua cabeça ao meu peito não se pressionado contra o colchão e leva meu mamilo em sua boca, sugando avidamente. Na primeira, é uma espécie de agradável, um alívio da dor dentro de mim.

Até que ele morde, duro, enviando espasmos de dor por todo meu corpo já pulsante.

Ele se afasta e sorri, manchas de sangue através de seus dentes da frente e os lábios. Neste momento agora, ele poderia ser o diabo.

Trago uma mão até meu mamilo ferido e cubro protetor, choramingando quando a dor fresca junta à dor dolorosa no meu ventre.

Estou pegando fogo.

Quero vomitar.

Sinto que vou morrer.

Ele se troca e sai, a luz da lâmpada em cima dura e implacável. Aperto meus olhos fechados.

Não chore. É só dor.

Algumas lágrimas conseguem fazer o seu caminho solto antes de eu engolir o horror de volta para baixo, repreendendo-me silenciosamente por ser tão estúpida. Para ir ao seu encontro. Por que diabos eu faria isso? O que há de errado comigo?

E, então, ele está de volta, desta vez vestido, sorrindo enquanto me estuda, com os braços cruzados descansando contra o colchão.

Para meu desgosto absoluto, ele serpenteia a mão, pegando uma das lágrimas que rolam pelo meu rosto, na ponta do seu dedo. Ele traz o dedo aos lábios e é uma porcaria, o dedo fazendo um barulho de estalo molhado como ele sai de sua boca.

—Salgado, — ele lima, inclinando a cabeça para que a cabeça esteja na cama ao lado da minha. —Mas doce, também. — Ele estende a mão novamente e passa o dedo na minha bochecha, trazendo-a para os meus lábios neste momento.

—Está vendo?

Ele força o dedo na minha boca, só retirando depois que lambo minhas próprias lágrimas da ponta. Ele está errado. É salgado, mas ao contrário de suas lágrimas, não há doçura aqui por mim.

É amargo como o inferno.

Ele me dá um tapinha na cabeça mais ou menos, como se eu fosse um cachorro ou algo assim, antes que ele saia do quarto, batendo a porta atrás de si.

Posso ouvi-lo assobiando enquanto ele caminha pelo corredor.

Idiota.

Capítulo 8

Fiquei ali por um longo tempo, sentindo um filete de poça de sangue sobre os lençóis debaixo de mim, crescendo pegajoso e frio. Quantas vezes ele vai me fazer sangrar antes que ele receba o que vai acontecer com ele?

Quanto mais eu posso tomar?

Por que eu fico?

Que porra há de errado comigo?

Gemo, arrastando-me para fora da cama e mancando para o chuveiro, ainda dobrada.

Dói como se eu fizesse uma porra de aborto.

E eu seu. Eu tive um desses antes, graças a ele.

Dirijo-me a água e passo abaixo, deixando o líquido quente lavar sobre o meu rosto. Escovo os dentes três vezes e uso metade de um vidro de sabonete de corpo, ensaboando as pernas várias vezes

até que o sangue para de criar um rio vermelho para baixo o interior das minhas coxas.

Ocorre-me que, nos últimos 10 dias fui esfaqueada na perna, uma overdose de cocaína ruim, e agora fodida dentro de uma polegada da minha sanidade.

Estou tão malditamente *cansada*.

Quando finalmente fecho o chuveiro, envolvo meu cabelo em uma toalha, usando outra para embrulhar ao redor do meu corpo. Limpo o vapor do espelho e me estudo corretamente pela primeira vez em semanas. Pego minha bolsa de maquiagem que agora vive no armário do banheiro espelhado e ponho fora meus colírios. Meus olhos estão vermelhos e turvos, e é um milagre que minhas lentes de contato coloridas não tenham caído no tempo desde que desmaiei logo após Maxi morrer. Aperto algumas gotas em cada olho e pisco rapidamente, meus olhos imediatamente se parecendo menos como uma lixa.

Olho para mim mesmo no espelho. Não vi o sol muito ultimamente, e meu obtido meticulosamente bronzeado dourado e profundos agradecimentos a intermináveis horas deitada em uma cama de bronzeamento em Nebraska e, em seguida, à beira da piscina na Tailândia, estava significativamente desbotado. Há círculos pretos sob os olhos que pás cheias de corretivo não iam encobrir, e meu rosto estava magro e comprimido, minhas bochechas saliente dolorosamente. Deixo cair à toalha no chão, estudando-me mais longe. Meu peito esquerdo parecia horrível, irritado com a mordida de dentes marcados em vermelho perfurando a pele pálida acima e abaixo do meu mamilo. Minhas costelas estavam fora mais do que costumavam, minha clavícula, também.

É quase como se eu estivesse morrendo... pouco a pouco, pedaço por pedaço.

Queimado para fora, quebrada, quebrando sob o peso de minhas mentiras e *Eu ainda tenho cinco para matar.*

Penduro minha cabeça, exalando uma respiração irregular, quando aperto o balcão do banheiro na minha frente. Pelo menos uma coisa no meu corpo parece magnífica a tatuagem de Elliot que serpenteia o seu caminho através de meu quadril e a barriga ainda é brilhante, com vermelhos, negros e toques de azul-turquesa. Deixei o meu olhar demorar nas cores berrantes alguns momentos mais longos antes de eu pegar minha toalha do chão e envolvê-la de volta ao meu redor, deixando o banheiro cheio de vapor para o quarto.

Estou prestes a deixar cair minha toalha e alcançar uma nova calcinha quando o vejo de pé na porta, olhando entediado e levemente irritado. Pulo, quase perdendo o meu domínio sobre a toalha.

—Jesus. Você não bate? —Pergunto, soando um pouco mais dura do que eu pretendia.

Jase sorri, cruzando os braços sobre o peito, quando ele chuta a porta com sua bota. —Nós vamos fazer uma pequena viagem amanhã. Pop insiste em que você venha por algum motivo.

Pesco uma calcinha preta e um sutiã combinando de minha mala aberta. —Você se importa? — Pergunto, fazendo um movimento girando com o meu dedo. Ele me obriga, virando para a parede para que eu possa me vestir com privacidade. Jogo a toalha em cima da cama, sobre as novas manchas de sangue que marcam o meio do colchão, e arrasto a calcinha, deslizando meu sutiã sobre os meus seios. Eu deixo aberto na parte traseira e na ponta dos pés até onde Jase está de pé, estudando a parede.

Escovo o meu braço contra o seu para chamar sua atenção e fico de costas para ele. —Você se importaria de fechar? — Pergunto por cima do meu ombro.

Ele quer ficar puto comigo? Ele pode ficar puto. Vou ficar puta com ele de volta. Dois podem jogar este jogo, e ser a donzela em perigo parece ter desaparecido com ele. Vou ser a cadela em renda preta em seu lugar. Veja como ele gosta disso.

Ele faz um som —Hum, — e por um momento eu me pergunto se ele vai fazer. Mas então sinto os dedos quentes passando ao longo da minha volta, causando arrepios saindo por todo o meu corpo. Mordo meu lábio, ficando imóvel como uma rocha, enquanto ele leva tempo para estourar os ganchos para o fecho sempre tão lentamente. Quando ele acaba, coloca os dedos sobre os meus ombros, puxando-me para encará-lo. Seu olhar intenso vai para cima e para baixo do meu corpo antes de voltar no meu rosto.

Ele passa um polegar contra a pele macia abaixo do meu olho esquerdo. —Jesus, menina. Quando foi a última vez que você dormiu? —Ele se move seu aperto ao meu pulso magro, segurando-o na frente do meu rosto. —Quando foi à última vez que você *comeu* algo assim?

Ele dá um passo para trás e me examina mais longe, desta vez sem um pingo de luxúria ou desejo em suas feições. Desta vez, é preocupação.

—Você parece o inferno, Sammi, — diz ele a sério.

Dou de ombros. —Estou bem. — Mas não estou. Estar neste clube está roubando cada grama de gordura de alegria no corpo que eu possuo.

—Não é de admirar que você não possa lutar com ele, — ele resmunga.

Constrangimento alfineta ao longo de minha espinha e fico mais reta. —O que?

—Ah, vamos lá, — diz ele. —Eu posso ouvi-lo bater a partir de três quartos para baixo. Ou seja, o que for que vocês dois *fazem* aqui. —Ele estremece quando ele diz, antes que algo parece ocorrer a ele. —Oh Deus, você não é uma daquelas meninas que gosta de ser espancada, não é? Por

favor, me diga que você não é um daquelas malditas submissas.

Rio secamente, afastando e procurando uma roupa limpa da minha mala. —Não, eu não sou uma daquelas garotas. Mas agradeço a sua preocupação.

—Tem certeza? — Diz ele, coçando a cabeça. —Porque ele tinha que amarrar...

—Como você sabe disso? — Eu o interrompi, arrancando um vestido de babados preto da minha mala e esticando sobre a minha cabeça. Ele poderia ter me ajudado depois que Dornan me esfaqueou, mas ele veio *depois* e eu consegui me livrar das vinculações de Dornan. —Esteve nos espionando?

—*Sim*, — Diz ele sarcasticamente, seu olhar cortando através de mim. —Estive espionando meu pai e sua pequena escrava. *Qual é.*

Visto o vestido, alisando para baixo sobre o meu estômago, fingindo que a palavra *escrava* não arde no meu núcleo. —Você sempre parece encontrar-me nos momentos mais oportunos. — Dou de ombros. Pego minha escova de cabelo da mala e começo a passar através do meu cabelo escuro emaranhado quando ele agarra meu braço, obrigando-me a olhar para ele.

—Eu nunca disse que não estava olhando para você, — diz ele em voz baixa.

Dou um longo olhar. —Posso cuidar de mim mesma, — digo em voz baixa, mas a frase é desprovida de convicção.

—Claro que pode, — diz ele, relutantemente, soltando meu braço.

Ele caminha em direção à porta, quando sai.

—Espere, — digo enquanto me penteio. —Por que você veio aqui em primeiro lugar para?

—Você estava gritando, — ele lança sobre o ombro. —*Mais uma vez.* Eu só estava checando para ver se você foi esfaqueada ou algo assim. —Sua mão alcança a maçaneta, no preciso momento em que a porta explode aberta, Dornan no limiar com o celular na mão.

—A polícia atacou, — diz ele, entrando no quarto.

Deixo cair a minha escova no chão em estado de choque.

Jase move em ação imediatamente. —Quanto tempo? — Ele late, pairando na porta como as pessoas correm passado para trás.

—Uma hora, no máximo, — diz Dornan, pegando vários pacotes de pó branco da sua mesa de cabeceira e indo até o banheiro.

—Eles disseram por quê? — Jase pergunta, enquanto estou presa ao chão, o pânico girando através de mim.

Dornan está na cama, desparafusando a luz encaixada de bronze do teto e derrubando alguma coisa na mão.

—Dois de seus irmãos estão mortos em menos de um mês? — Ele adivinha. —Os malditos colombianos, provavelmente, deram uma delação falsa.

—Você não acha que era aquelas meninas, não é? — Jase pergunta: pânico evidente em seu rosto.

—Não, filho, — diz Dornan, dando um passo para fora da cama, suas botas fazendo um barulho alto quando elas atingiram o piso de concreto polido. —O chefe de polícia e eu temos um acordo, mas ele não quis estender isso para algo como *que*.

—Aconteceu alguma coisa com essas garotas? — Sussurro, olhando entre Dornan e Jase.

—O que, você quer dizer que não conta que elas foram jogadas? Ou elas serem drogadas? Ou eles serem *menor de idade*?

—Tenho um mandado de prisão contra mim, — deixo escapar. —Tenho que sair daqui antes que os policiais cheguem.

Eu realmente não tenho um mandado de prisão contra mim, porque eu realmente não existo. Mas as minhas impressões digitais fazem, e elas combinam com as impressões digitais de uma menina morta.

—Claro que sim, — Jase zomba, estreitando os olhos para mim. —Como é conveniente.

—O que é isso? — Dornan late. —Eles não vão tocá-la por um delito leve...

—Assalto à mão armada, — digo, lançando o primeiro crime grave que vem à minha cabeça.

—Jesus! — Diz Jase. —Você matou alguém?

—Não, — respondo. —Ainda é uma vida na prisão, no entanto.

—Certo, — diz Dornan. —Saia daqui. Saída de emergência nas costas irá levá-la para o beco. Saia antes que alguém a veja.

A saída de incêndio. Ha. Ele, obviamente, não percebe que eu tenho usado por semanas já.

Pego minha bolsa e olho ansiosamente em minha mala. Ficaria muito suspeito se eu arrastasse atrás de mim, mas ele tem a minha tintura de cabelo de reposição e minhas lentes de contato coloridas escondidas no fundo. Felizmente, não há mais qualquer droga lá, mas ainda assim, estou mais preocupada com Dornan ou a polícia vasculhando e ficando desconfiado.

Pelo menos só vou ficar fora por algumas horas. Quero dizer, não é que ele vá mesmo ter tempo para olhar minha mala, certo? Mas eu não tenho as lentes de contato de reposição e meu estômago cai

um pouco, relutante em deixar um par para troca.

—Vá, — Dornan late, e eu finalmente obedeço. Voo para fora do quarto e corro pelo corredor, passando por vários membros do clube quando vou. A maioria deles parece preocupado, mas não entrando em pânico, como se isso é apenas uma parte regular da vida, e faz parte da cultura do clube.

Corro cegamente para a escada de incêndio e bato o bar do outro lado no meio da porta, luz do sol batendo meus olhos enquanto estouro lá fora. Desacelero para um passeio rápido, no caso de alguém já está observando o lugar.

E assim, vou embora.

Por algumas horas preciosas, eu sou mais do que se fui, estou *livre*.

Capítulo 9

Chamei um táxi a poucos quarteirões de distância e orientei o motorista para West Hollywood. Eu sempre quis ficar no Chateau Marmont, e acho que eu poderia estar morta em breve, então não há tempo como o presente para atravessar a merda da minha lista.

É três horas da tarde e não durmo há tanto tempo, sinto que estou ficando louca. Ainda estou com cólica e preciso de alguns bons remédios oxy[1] ou um gole da vodca para aliviar a agonia que rasga minhas entranhas. O tráfego nesta época do dia é horrível, e leva 40 minutos para atravessar a cidade. Mando mensagem para Elliot e peço para me encontrar lá quando ele puder fugir.

Quando chego ao hotel, pago em dinheiro, não arrisco usar um cartão de crédito no caso de alguém decidir vir à procura em um momento inoportuno. Deslizo para o porteiro um extra de cem dólares para garantir que ninguém me perturbe exceto Elliot, que tem uma chave própria à sua espera atrás da mesa.

O quarto fica no quarto andar e está decorado em branco e hortelã verde, com toque de ouro aqui e ali. Parece berrante, mas a maneira como eles combinaram tudo é realmente muito bonita. Pedi uma suíte com uma sala de estar ao lado, que é onde jogo a minha bolsa. Ele pousa em mesa de café de vidro com um baque pesado e arrasto meu traseiro cansado até uma das camas de casal gêmeas que estão contra a parede, caindo em cima das colchas.

[1] Remédio americano indicado para cólicas menstruais, não é encontrado no Brasil.

Adormeço tanto quanto depois de uma foda, e quando acordo, está escuro. Leva-me alguns momentos para perceber onde estou, esperava acordar na cama de Dornan, provavelmente com um braço possessivo pendurado em cima de mim, como sempre. Em vez disso, alguém me cobriu com um desses cobertores finos que estão cheios de pequenos buracos, e o sol abandonou meu mundo neste momento.

Sento-me devagar e lembro onde eu estou, em um quarto de hotel de luxo com o estômago vazio, e uma figura masculina solitária encostada na grade varanda. Saio da cama, meus dedos afundando no tapete de pelúcia sob os pés. É uma sensação divina. Esfregando os olhos turvos, me aproximo da varanda, tremendo na brisa da noite, o que faz com que o voal das cortinas de gaze dancem loucamente em seu rastro. Coloquei um pé na varanda, batendo de leve contra a porta de correr aberta para se certificar de que eu não assuste.

Ele se vira e sorri, um sorriso gentil que faz com que o meu coração aperte.

—Boa noite, — Elliot disse em voz baixa. —Ou eu deveria dizer de manhã?

Recolho meu cabelo castanho bagunçado do meu rosto, amarrando em um coque casual e prendendo com o elástico que está no meu pulso.

—Obrigada por ter vindo, — digo. —Eu sei que é fora do seu caminho.

—Julz, — diz Elliot. —Não é fora do caminho. *Você* que está fora do caminho.

Sorrio timidamente, passando os braços em volta de mim para me proteger da temperatura que caiu.

—Você quer um cobertor ou algo assim? — Ele pergunta, apontando para dentro.

Balanço minha cabeça. —Gosto do frio. Parece que foi há muito tempo desde que comecei a sentir um pouco frio.

—Eu pedi comida, — diz ele. —Não temos uma aberração quando o cara do serviço de quarto bater na porta.

Concordo com a cabeça, tremendo quando eu espreito sobre a borda alta varanda. Este vem até peito e me faz sentir muito mais segura do que a borda pouco frágil de uma parede no telhado do clube dos Gypys Brothers.

—Levei um pouco de tempo para chegar até aqui, — diz Elliot. —Parece que você estava em coma, de qualquer maneira.

—Dia ocupado no estúdio? — Pergunto.

Elliot balança a cabeça. —Nós estávamos fechados hoje. Foi Kayla e o dia do pai. Sorvete no

cais e um mergulho na praia.

Sorrio, uma vaga lembrança de meu próprio pai esfaqueando no meu interior.

Ele me levou para tomar sorvete também. Este lugar decorado retro legal que dava para o cais de Santa Monica. Uma vez, ele recebeu um telefonema enquanto estávamos sentados no interior da loja, comendo nossa banana split.

Ele me disse para ficar e me deixou sozinha. Eu deveria ter seis ou sete, e tudo que me lembro é a senhora atrás do balcão perguntando se ela poderia ligar para vir buscar.

Não havia ninguém, é claro. Se não fosse o meu pai, era ninguém.

Ele voltou eventualmente. A loja tinha fechado, e a mulher ficou para trás para limpar, ocupando-se em limpar as bancadas e contando os fatos do dia, enquanto o sol mergulhava baixo no céu, antes de desaparecer completamente.

Quando meu pai voltou, coberto de sangue e sujeira, ele pagou a mulher para se certificar de que ela não iria chamar a polícia.

As coisas nunca foram às mesmas depois disso, porque depois daquele dia, coisas como isso aconteceram o tempo todo. A vida mudou, as coisas ficaram mais difíceis, e mais sombrias e mais violentas.

Meu pai parou de sorrir, minha mãe começou a ficar mais alta, e tio Dornan se tornou tão terrível, eu o evitava completamente.

—Julz? — A voz de Elliot corta meus pensamentos. —Aconteceu alguma coisa?

Dou de ombros, olhando para ele dessa forma de adoração reservado só para ele.

—Estava pensando em você com ela, — digo, sorrindo tristemente. —Eu nunca vi nada tão divino.

—Eu poderia usar uma babá, — ele brinca. —Você é boa em brincar com bonecas Barbie?

Rio. —Eu sou boa em cortar o cabelo.

—Você e eu, — diz ele. —Ainda que eu prefira desenhar tatuagens inadequadas pouco antes de eu deixá-la de volta à casa de sua mãe.

Há um rap-rap-rap na porta, e Elliot deixa a varanda, retornando poucos momentos depois com uma bandeja cheia de todos os alimentos de conforto que eu poderia imaginar. Batatas fritas, um sanduíche tão grande quanto a minha cabeça, um milk-shake, um copo de Coca-Cola, purê de batatas, frango frito e uma jarra de vidro de doces.

Olho em volta da varanda, que é estranhamente desprovido de qualquer mobiliário. Talvez seja a fumaça nebulosa persistente que reveste esta parte da cidade. Ninguém gostaria de estar aqui tempo suficiente para sentar, de qualquer maneira.

Nós espalhamos a comida na mesa de café e sentamos lado a lado em um sofá baixo cinza em frente a ela, nenhum de nós falando até que tenha esgotado as nossas opções culinárias. Parece tanta comida, mas eu tento o meu melhor para provar de tudo. Depois que terminamos e estão colocando de volta, lambendo a gordura e sal de nossos dedos, Elliot é o primeiro a falar.

—Então, você decidiu aceitar o meu conselho e cortar suas perdas? — Pergunta ele, esperançoso.

—Não exatamente, — respondo. —Houve um ataque à sede do clube. Eu consegui sair antes que a polícia chegasse.

—Oh, — ele diz, parecendo desapontado, mas não surpreso. —Você conseguiu voltar para o hospital bem?

Parece que já faz anos que eu corri para Jase na frente da sala de emergência, e um rude lembrete no intestino.

—Elliot.

—Julz, — diz ele, pegando outra batata frita.

Tomo uma respiração profunda. —Jase me viu deixar o hospital na noite passada. Ele sabe que eu fui ver você.

Minha voz treme um pouco, quando dou o golpe final. —Ele sabe o seu nome.

Elliot atira as batatas no chão, enviando-as deslizando pelo chão acarpetado. Ele se levanta e aperta as mãos à cabeça. —Merdaaaaaa, — ele profere.

Mastigo meu lábio nervosamente. —Isso é tudo, porém. Ele não contou a ninguém.

Ele levanta as sobrancelhas com incredulidade. —Oh, e, você confia nesse cara?

—El, — protesto.

—Nada de *El*. Eu tenho uma filha, porra. Maldito seja o seu plano de vingança estúpido.

—Eu sei. *Sinto muito*.

—Quantas pessoas mais vão morrer antes que você perceba que não vale a pena? Huh?

—Ninguém mais vai se machucar, — digo enfaticamente.

—Ele sabe o meu nome, Juliette! Isso é um passo de saber que eu era um policial! —Ele começa a contar as coisas em seus dedos. —Um passo longe de saber que eu estava lá na noite em que

você morreu, a um passo de encontrar toda essa bagunça e matar nós dois.

—Ele não faria isso, — digo com voz fraca. —*Ele* não faria.

—Ouça a si mesma! — Os rugidos de Elliot, pegando o prato de frango frito e jogando para que ele trave contra a parede oposta. Salto para os meus pés como a sala vibra sob o assalto repentino, preso ao chão. Uma dor de medo oca começa a se formar no meu estômago e cobra o seu caminho até a minha garganta, onde aperta e segura.

—Ele ainda não sabe quem você é, — diz Elliot amargamente. —O que faz você pensar por um segundo que ele vai fazer a coisa certa por você?

—Porque ele é um bom homem, — respondo. —Porque ele é mais parecido com você e eu que ele nunca vai ser com eles.

Ele corre para fora da sala e fica na varanda, a camiseta branca que ele está usando delineando cada músculo tenso em seus ombros e braços, pronta para explodir a qualquer momento.

Sigo timidamente, mas quando ele ouve meus pés descalços bater no chão varanda ele segura a mão, dirigindo-me sem se virar para olhar.

—Vá, — diz ele. —Agora.

Sinto meus ombros caírem quando volto para os limites do meu quarto de hotel. Meus olhos parecem turvo e acho que eu posso também dar Elliot algum espaço, e tomar um banho quente na banheira de pé de garra que o banheiro possui. Meu estômago está em cólica novamente graças a Dornan e sua versão de uma foda áspera, e estou contando com a água quente para aliviar a dor que está me apunhalando com tanta violência.

Dez minutos mais tarde, estou flutuando em um casulo de água quente, o vapor subindo em pequenos jatos de meus joelhos nus e os dedos dos pés. O resto de mim está submerso, sem peso, e acho que de quanto tempo passou desde que eu me senti tão relaxada, fisicamente de qualquer maneira. Emocionalmente sou uma bagunça enrolada, dúvidas e culpa corroendo minha alma como o ácido na pele.

Não deixo o banho até que a água fica fria e minha pele está enrugada como uma ameixa. Envolvendo-me em um roupão fofo do hotel, coloco minha cabeça para fora da sala principal, na esperança de que Elliot esteja em um humor melhor. Não que eu o culpo por ser uma merda comigo.

O cara tem uma filha.

Ele tem coisas preciosas para perder.

Ele está sentado no sofá em frente à mesa do café, ocupado com alguma coisa na frente dele. Os

pratos de alimentos foram todos retirados e ele alinhou sacos zip-lock de um lado da mesa, cada um com um telefone celular sentado em cima.

Ele não olha quando me sento ao lado dele, apenas continuando a mexer.

—Agora faz pequenos furtos? — Pergunto, olhando para os telefones celulares variados dispostos de forma ordenada.

Espio mais de perto um dos sacos, puxando o canto para trazê-lo até a borda da mesa.

E *isso é* quando entendo o que é isso.

Unhas. Rolamentos de esferas. Pedaços de lâminas de barbear quebrada. Todos flutuante em algum tipo de fluido.

—São estes...

—Bombas, — Elliot termina, continuando a mexer com o último saco.

—Bombas, — respiro. —*Bombas?*

—Sim, — responde ele, voltando o olhar de seu trabalho para nivelá-lo a mim. —Posso ver o que está acontecendo com seu rosto. Você está titubeante, Julz. Você está começando a estabelecer-se com esses filhos da puta desse clube.

—Eu não estou, — zombo. *Estabelecendo?*

Ele inclina a cabeça para o lado, levantando as sobrancelhas. —Ah, é mesmo? Qual é o seu plano de jogo? Quem é o próximo?

—Jazz, — digo automaticamente.

—Quem?

—Um dos irmãos. Ele é o próximo na minha lista.

—E como você irá mata-lo?

Dou de ombros. —Eu não cheguei tão longe ainda.

—Exatamente, — diz Elliot. —No ritmo que está indo, vai demorar anos para terminar com todos. E, então, você estará tão arraigada nessa vida de novo, você não será capaz de sair. Nunca mais.

Dou de ombros. —Eu poderia assumir o cargo de presidente, — brinco. —Essas pessoas eram amigos do meu pai, bem, você sabe?

—Você está falando sério? — Elliot exclama.

—Não, — suspiro. —Estou cansada, El. Está sendo difícil tudo isso.

—Certo, — ele diz secamente. —Bem, o príncipe *maldito* Encantador sabe o meu nome, certo? Assim, podemos assumir que estamos em tempo emprestado aqui. A menos que você milagrosamente

encontre a fita ou o dinheiro nos próximos dias, eu diria que você deve esquecê-lo e cortar suas perdas.

Tudo parece perfeitamente lógico, mas meu cérebro está difuso e leva tempo para se recuperar. —Você quer que eu exploda todos? — Sussurro.

—Sim, — responde Elliot. —Olha. — Ele levanta um saco lacrado, que não é maior do que qualquer um dos telefones celulares em cima da mesa.

—Espere, — digo, meu estômago afundando como ele é cheio de chumbo. Balas de chumbo, talvez.

—Há seis sacos.

—Sim, — responde Elliot, seu olhar me desafiando para discutir.

—Por que há seis? — Repito.

Ele restringe o seu olhar para mim. —Sete filhos, mais um pai, é igual a oito. Menos de dois filhos da puta mortos, é igual a seis.

Meu sangue se torna frio.

—Você não está falando sério, está?

Ele franze a testa. —O que você acha que vai acontecer quando você matar toda a sua família e ele descobrir que foi você? Você acha que ele vai te perdoar? Você pensa que vai fugir e viver felizes para sempre?

Desejo.

—Claro que não, — respondo. —Mas eu não vou *matá-lo*.

—O cara sabe quem eu sou, Juliette. Ele sabe onde eu moro e onde trabalho. Ele provavelmente está me vigiando neste momento, porra.

Fico olhando para o chão, com a cabeça girando. *Não*. Eu nunca quis isso! Eu nunca quis machucar Jase. Tudo está ficando muito confuso, muito escuro, e estou me afogando sob o peso de tudo isso.

Mas se Jase machucar Elliot, eu não poderia viver com isso, também. Uma imagem de sua filha aparece na minha mente e mordo as lágrimas frustradas.

—Eu vou lidar com ele, está bem? — Digo a ele. —Não é assim. Mas eu juro, se ele é uma ameaça para qualquer um de nós, eu vou colocar uma bala em sua cabeça eu mesma.

Ele esfrega as mãos sobre o encosto de cabeça, a forma como ele faz quando está com raiva. E ele está *assim* chateado comigo agora.

Não é justo, Quero gritar para ele. *Você não pode me pedir para matá-lo.*

Mas eu quase não fui justa com ele ao longo dos muitos anos torturados nossas vidas entrelaçadas, e por isso não discuto o meu ponto.

Tudo o que sei é que a única maneira que estou matando Jason é se ele tiver uma arma apontada para a minha cabeça, e estou sem opções.

E mesmo assim, eu poderia deixá-lo fazer isso. Eu mereço, afinal de contas, para as coisas que eu fiz. Por mentir para ele. Por matar seus irmãos. Por Dornan. Meu instinto torce dolorosamente com o pensamento de tudo que eu sacrifiquei em minha busca para me vingar *dele*.

Minha mente vagueia brevemente sobre a possibilidade de que Jase pode me perdoar por ter assassinado seu pai e irmãos. Quero dizer, ele disse a si mesmo que Chad estava melhor morto, certo?

Mas, por outro lado, a família é sangue, e nada é mais importante do que isso. Esse foi o lema número um que incutiu em mim quando cresci, uma lavagem cerebral que fizeram com Jase a partir do momento em que ele pisou no clube.

—Como você sabe mesmo como fazer isso? — Pergunto fazendo um gesto para a pilha de explosivos na frente de nós, mudando de assunto para as coisas mais fáceis.

Detalhes. Planos. Peças impessoais de informação. *Isto é como você detona uma bomba caseira. Este é o lugar onde você coloca.* Posso lidar com essas coisas muito melhor do que *você tem que matar o primeiro garoto que você já amou.*

—Eu era um policial antes de te conhecer, se lembra? Peguei algumas coisas.

—Certo. Bem, essas coisas não vão explodir aleatoriamente em meu quarto de hotel, não é?

Ele revira os olhos. —Eles não são coquetéis molotov jogados pela janela, Julz. Eles estão ligados a um temporizador. Você tem que ativá-los, se quiser explodir.

—Certo, — respondo. —E como faço para colocá-los no clube para que eles só matem as pessoas que precisam ser mortas, e mais ninguém?

Elliot sorri. —Você não vai colocá-las no clube. Você colocará em suas motocicletas.

Franzo a testa. —Alguns deles não possuem alforjes. O que você quer que eu faça, grude com fita adesiva nos lugares?

—Observe como pequeno esses celulares são? — Diz Elliot, pegando um deles e entregando a mim. Concordo com a cabeça. —Você vai enfiar essa merda em seus tanques de gasolina.

—Uau. — Pura. Brilhante. Meu cérebro começa a processar isso. —Assim, o combustível pode ser o acelerador? — Pergunto animadamente.

—Sim, exatamente, — responde ele, pegando o telefone de volta de mim.

Estudo a linha de sacos quando outro pensamento me ocorre. — Os sacos zip-lock não derreteriam no tanque de combustível?

Ele balança a cabeça. —Vou quebrar tudo neste material. — Ele tem uma folha que parece ser grossa com um plástico opaco. —Eles usam este material para revestir tanques de gasolinas em helicópteros. Gasolina não vai derreter por ele durante quinhentos anos.

—E... como é que eu vou ligar de cinco telefones ao mesmo tempo? Não me diga que você é inteligente o suficiente para clonar celulares ou algo assim.

—Um aplicativo. — Ele para pôr um momento, a fita adesiva esticada na mão.

—Um *aplicativo*? —Faço minha dúvida.

—Sim, baby. — Ele pisca um sorriso diabólico. —Há um aplicativo para isso. Há um aplicativo para *tudo*.

Ele fica sério de novo, seu rosto de repente anos mais velho. Ele parece tão cansado como eu me sinto, tanto de nós cansados das pessoas que costumávamos ser. E me mata que sou a razão pela qual ele está tão estressado e cansado.

Ele cutuca um dos sacos cheios de aço sobre a mesa e olha para mim com determinação.

—É preciso acabar com isso, — diz ele enfaticamente.

—Eu sei, — sussurro.

—Então *acabe com ela*.

Capítulo 10

Várias horas, e um curso intensivo em detonar bombas depois, Jase me liga. Já meio da noite, e Elliot e eu já há muito adormecemos, cada um em uma cama. Eu queria desesperadamente que ele estivesse comigo, como ele costumava fazer, para afagar o meu cabelo e sussurrar coisas para mim até que eu adormecesse, mas eu sabia que isso não ia acontecer. Ele está muito cansado e frustrado comigo para fazer essas coisas. Então dormimos em paz, lado a lado em camas iguais.

Dirijo meu telefone para o modo silencioso e na ponta dos pés vou à varanda. Fechando a porta suavemente atrás de mim, atendo a ligação. —Hei, — sussurro, inclinando-se contra a borda alta varanda.

—Você está em Fiji ainda? — Jase pede.

—Não, — respondo. —Estou na cidade. É seguro voltar?

Ele ri. —Tem certeza que não quer fugir com o menino da tatuagem?

—Não é assim, — protesto. —Posso voltar agora?

—Os policiais finalmente se foram, — diz ele. —Eu estava no meu caminho para casa. Dia de amanhã será grande.

—Ah, é? — Pergunto, meu interesse despertado. —Que tipo de grande dia?

—Nós estamos montando para Tijuana pela manhã, — diz ele. —Ao longo da fronteira. Você tem um passaporte?

—Não, — digo, meu estômago afunda. Bem, tenho vários passaportes falsos, mas nenhum deles com o nome de Sammi.

—Bem, então, — diz ele. —Acho que você vai ficar de um lado, enquanto nós vamos para o outro.

—O que você quer dizer? Por que eu estaria indo a qualquer lugar?

—Alguém convenceu o meu pai no clube que você tem que ir. Acho que ele está cheio de merda, mas depois do incidente do coquetel, ele não está deixando-a fora de sua vista.

A maneira como ele diz, é quase como se fosse excedente para se explicar. Isso é quando percebo, com um baque surdo no meu peito, que ele está mentindo.

Todo o sangue corre para a minha cabeça e minhas pernas viram geleias.

—Você tem certeza que não é *você* que quer manter um olho em mim? —Pergunto a ele.

Há uma breve pausa do outro lado do telefone antes que ele responda.

—Isso realmente não importa agora, não é? Apenas me diga onde para buscá-la na parte da manhã.

—Seu pai não me quer de volta imediatamente? — Estou surpresa.

—Meu pai está ocupado lidando com merda, — diz Jason, cansado. —Isso está me dando um fora, Samantha. Isso está me dando cinco horas para dar o fora de LA.

Eu me viro e pressiono a testa no vidro, observando o peito de Elliot subir e descer de forma constante enquanto ele dorme.

—Eu não vou a lugar nenhum, — respondo.

—Vou ligar as oito, — diz ele, e a linha morre.

Deixei Elliot dormir até as seis, e então eu acordo.

Em duas horas, enquanto comemos ovos do serviços de quarto e bacon no café da manhã, ele

me ensina sobre exatamente o que preciso fazer, dando-me uma prática do funcionamento com o aplicativo que ele encontrou que vai me deixar ligar os cinco telefones simultaneamente.

Trinta segundos depois, quando o negócio é real, as bombas devem explodir, provocando uma reação em cadeia que vai garantir que qualquer um que montar uma das motos manipuladas vão rodar em uma morte ardente e certa.

Incluindo Dornan.

Após Elliot sair do hotel, antes de Jase me ligar, passo um bom tempo na varanda, observando o rastro cidade como carros entopem as ruas de LA ocupadas abaixo.

Choro, então, porque estou sozinha, sem uma única posse poupada para as seis bombas que ficam inocentemente na mesa de café. Choro porque, mesmo que não seja do jeito que eu imaginava acabar, mesmo que eu não vá saborear cada indivíduo morrendo tudo está prestes a acabar.

Algo sobre isso me faz sentir tão vazia no interior, um sentimento que eu não esperava sentir. Sempre imaginei sentindo nada, mas o alívio com a perspectiva de terminar com Dornan e seus filhos restantes, além de Jase.

É neste exato momento, olhando para os carros como fumaça começando a se reunir no ar, que percebo duas coisas:

Uma delas, que nunca haveria uma maneira que eu estivesse prejudicando Jase, não importa que ele corre o risco de fazer para mim, não importa o quão terrível que pareça. Eu nunca vou machucá-lo. Mesmo depois de todo esse tempo, mesmo além da minha suposta morte, ele ainda é o menino com quem quero passar o resto da minha vida.

E dois, depois que eles estiverem todos mortos e for apenas Jase e eu de pé entre as cinzas carbonizadas, se ele não puder me perdoar pelo que eu fiz...

... Eu não vou ter nada para viver mais.

Esses pensamentos faz minha cabeça girar para o ponto onde me sinto tonta e tonta. Minhas mãos seguram a grade varanda.

Por favor, me perdoe.

Mas sei que ele provavelmente não vai.

Jase liga exatamente oito horas, o zumbido do meu telefone me assustando de devaneios torturados. Atendo o telefone e mantenho ao meu ouvido, engolindo a ansiedade grossa.

—Bom dia, — digo. —Onde eu deveria encontrá-lo?

—Que tal na frente? — Diz ele, seu tom de provocação, e meu sangue corre frio. Espio para

baixo sobre a grade da varanda, adrenalina e medo batendo em mim quando vejo sua moto estacionada na calçada abaixo.

Como diabos ele sabe onde estou?

—Como...? — Digo.

—Não importa como, — diz ele. —É só trazer o seu traseiro aqui em baixo. Temos um dia atarefado.

Afundo de joelhos na varanda, sentindo-me como se eu estivesse indo para um ataque de pânico. Preciso de um saco de papel marrom para respirar ou vou desmaiar.

—Vamos lá, — diz ele, e é quase um desafio e não uma garantia. —Eu não vou dizer a Dornan onde você esteve. Ou que você esteve com ele. Vai ser o nosso segredo. —Ele fala de uma maneira tão escura, provocando, me incitando, que eu me esqueço por um momento tudo o que conquistei, e as vitórias que eu tive com Chade e Maxi. Caio aos pedaços, em pânico. Começo a respirar muito rápido, meus olhos ardendo com produtos frescos e lágrimas dolorosas que borram minha visão.

—Você tem três minutos para chegar fudidamente aqui em baixo, ou eu vou até ai para pegá-la. — Suas palavras são tão deliberadas, de modo frio, que não duvido por um segundo que ele vai fazer exatamente isso.

Leva-me um momento para processar que este é Jase que estou falando. Este é Jase me provocando e me ameaçando. Faz-me sentir mal que ele me faz lembrar muito de Dornan neste exato momento.

Fico com as pernas como geleia e olho sobre a varanda de novo, só para ver Jase ali de pé, olhando de volta para mim através de seus óculos de sol espelhado de aviador.

—E se eu disse que mudei de ideia? — Pergunto fracamente, tropeçando dentro do quarto de hotel, onde reúno as bombas e cuidadosamente embalando-as no fundo da minha bolsa, cobrindo-as com a minha bolsa e alguns guardanapos da noite anterior.

—Eu diria que é tarde demais, — diz ele, e posso ouvi-lo em movimento também. —Eu diria que você perdeu sua chance.

Fecho a bolsa e seguro, jogando-a por cima do meu ombro enquanto examino o quarto. Nada para mostrar que estavam aqui, além de nossos pratos do café empilhados no carrinho de serviço de quarto, que fica ao lado da porta. Satisfeita, abro a porta e explodo para o corredor.

Direto para um peito coberto de couro. Inclino minha cabeça para cima para ver Jase segurando os óculos escuros, seus olhos escuros cheios de algo tão assustadoramente familiar. *Dornan.* Ele me

lembra Dornan, e eu tenho que lutar para não tremer.

—Isso não foi três minutos, — protesto.

Jase sorri, uma mão fechando em volta do meu pulso. Relaxo meu corpo tenso, tentando agir casual, mas o meu coração ainda está um milhão de milhas por hora.

—Boa noite? — Pergunta ele, olhando para o quarto de hotel por cima do meu ombro. Dou de ombros. —Estou com um pouco de sono, — digo.

Outra coisa que pisca em seus olhos, desconfiança, talvez? Quando ele me arrasta de volta para meu quarto de hotel e bate à porta atrás de si.

Quero perguntar a ele o que está acontecendo, saber o que está acontecendo naquela sua mente torturada, mas sei que ele não vai me dizer. Vou ter que esperar até que ele revele suas suspeitas em seu próprio tempo.

—Sente-se, — diz ele, apontando para o sofá onde Elliot e eu estávamos tomando café da manhã e passando por aulas de *Bomba Escola 101* apenas algumas horas antes.

—Eu prefiro ficar de pé, — respondo, me afastando.

Seu rosto torce em raiva e ele leva dois passos largos, apertando sua mão ao redor da parte de trás do meu pescoço e me jogando contra o sofá. Caio sem jeito no meu quadril, ofegando com o ataque repentino, e rapidamente se esforçam para que eu esteja sentada.

Movendo-se lentamente e deliberadamente, ele se senta à mesa de café na minha frente, de modo que estamos perto o suficiente para os nossos joelhos se tocarem. Ele aperta as palmas das mãos e descansa contra sua boca, quase como se ele estivesse orando por uma resposta. Apenas, nós dois sabemos que não é o tipo de oração. Ele me examina com aqueles olhos escuros e algo torce raiva dentro de mim, um zumbido que invadiu permanentemente o vazio oco confortável que eu tão cuidadosamente cultivei. Eu tenho medo dele, e com medo de que ele saiba, e nós dois sabemos disso.

—Vou fazer uma pergunta, e você vai responder, — diz ele com firmeza. —Se você mentir para mim, vou te matar.

Concordo com a cabeça, sentindo-me esmagada sob o peso do meu artifício. Meu coração afunda quando percebo que já ouvi essas palavras antes, há vinte e quatro horas atrás, da boca de seu pai. *Se você mentir para mim, vou te matar.*

—Você. É. Policial? — Pergunta ele, deliberadamente, fazendo uma pausa entre cada palavra.

Franzo a testa, surpresa com a pergunta. Eu esperava *Você matou meus irmãos* ou mesmo *Você está trabalhando para a colombianos*, Mas não *Você é um policial*.

Rio, um som nervoso que borbulha dentro de mim espontaneamente.

—Não, Jason, — respondo. —Eu não sou policial.

Ele me estuda por um longo momento, mordendo o lábio quando ele faz isso. Eu combino o seu olhar, mais feliz que ele está no caminho errado.

—O que faz você pensar que sou uma policial? — Pergunto, e quase vomito quando tenho um palpite calculado o motivo pelo qual ele chegou a esta conclusão.

Elliot.

—Seu namoradinho é um policial, ou pelo menos era, — Jase responde, com um sorriso diabólico puxando sua boca bonita. —Parece que ele saiu direto no mesmo tempo, começou a ter problemas com os colombianos há seis anos.

Ele está assim, *assim* perto da verdade, e ainda assim tão longe.

Quanto tempo é que vai ser, antes que ele conecte os pontos?

Quero sacudi-lo pelos ombros e gritar com ele. Pedir para lembrar o que mais aconteceu há seis anos. Dizer para olhar para mim, realmente me ouvir, e descobrir por si mesmo.

Em vez disso, dou de ombros. —Sim, ele costumava ser um policial. E daí?

—Portanto, há uma boa chance de que ele ainda é um policial. Um policial disfarçado.

—Isso é ridículo, — digo. —Ele saiu da força, porque ele roubou o dinheiro e as drogas de uma cena de crime. Ele estava sujo.

Não pela primeira vez, estou ciente de que tenho em camadas mais uma mentira em cima da pilha que já criei, e tenho que me lembrar de catalogá-la mentalmente e arquivá-la, então não esquecer e contradizer-me mais tarde.

—Seja qual for, — diz ele. —Tenho alguém que está o vigiando, de qualquer maneira. Eu não acredito em uma palavra que sai de sua boca.

—Isso é engraçado, — mordo de volta. —Você não parece se importar essa boca quando você estava tentando beijá-la todas às vezes.

Porra. Ele estava me atraindo e eu peguei. Estou perdendo a cabeça aqui.

Seu rosto tem nuvens sobre sua mão e atira para fora, puxando-me para os meus pés. —Sim, bem, — diz ele, puxando-me para a porta. —Eu comecei a pensar com a minha cabeça em vez do meu pau, e olho como tudo começou a se desfazer rápido.

Luto contra o aperto, tentando me afastar, e ele apenas ri. —Onde você pensa que vai? — Diz.

—Não vou voltar lá com você até que você me diga o que está acontecendo, — digo, lutando

contra o aperto. Ele sorri um sorriso torto que faz com que uma pequena parte minha morra, a parte que ainda acreditavam que ele estava completamente puro e gentil. Ele pode ser essas coisas, mas aqui, agora, ele está com raiva, desconfiado e pronto para explodir.

—Sammi, — diz ele, deleitando-se claramente em sua tortura. —*Venha*. Você realmente não acha que você tem uma escolha, não é?

Ele para de puxar, então paro de lutar, nossos olhares se encontraram em uma batalha silenciosa de vontades.

—O que está errado com você? — Pergunto, soltando o ato confiante. —Por que está tão *zangado* comigo? É por causa de seu irmão? Sinto muito que ele morreu, ok?

Sua mandíbula aperta tão forte, juro que todos os seus dentes vão quebrar juntos e vir voando para fora de sua boca em pedaços.

—Você é tão iludida, — diz ele, balançando a cabeça. —Estou com raiva de você, porque eu a beijei, Sammi, e então eu descubro que tudo o que sai da sua boca é mentira em cima de mentira!

—Isso não é verdade! — Pulo de volta. —Quando eu o beijei de volta, isso não era uma mentira.

O sorriso está de volta. Como detesto aquele sorriso no rosto. Ele não pertence lá, e ele rasga o meu coração que a culpa é minha por torturá-lo assim.

—Ninguém fica com um homem como o meu pai, a menos que tenha algo a ganhar, — diz ele, sua voz mortalmente calma. —O que você está procurando? Dinheiro? Informação? Você está nos espionando? Porque vou dizer agora, ninguém nunca vence. Ele é Dornan porra Ross, Samantha.

Bem, não sei o que dizer sobre isso.

Porque, *ele está certo*.

—Nós estamos indo, — diz ele com força, puxando meu braço novamente.

—E se eu resistir? — Pergunto a ele.

—Deixe-me colocar de outra forma, — diz ele. —Até eu descobrir exatamente o qual é seu negócio, eu não vou deixar você fora da minha vista.

—E se você nunca descobrir o que você pensa que está acontecendo?

Ele se inclina mais perto, colocando um fio de cabelo atrás da minha orelha, em um gesto que deve ser agradável, mas, neste caso, é horrível. —Então você está presa comigo por um longo tempo, querida.

—Como é terrivelmente romântico, — Zombo, rasgando minha mão de seu aperto.

Ele pisca um sorriso largo e falso e desliza seus aviadores de volta em seu rosto.

—Apresse-se, — diz ele. —Ou juro por Deus, eu vou puxar e arrastá-la de volta ao clube por seu cabelo.

Não posso me ajudar. —Parece bizarro, — respondo, quando ele me puxa para fora do quarto, deixando a porta pesadamente atrás de nós.

Estou agindo arrogante e confiante, mas ao mesmo tempo a pequena voz dentro de mim está gritando: *Ele vai entender você.*

Capítulo 11

A viagem de volta ao clube é tensa, o que é difícil, porque estou segurando a pessoa que quer me arruinar. Em diversos pontos durante a viagem de volta ao clube, paramos nos semáforos e contemplo pulando fora da moto e correndo o mais rápido que eu puder, agarrando Elliot e sua filha, e o dinheiro no meu cofre, e indo da porra de LA.

Mas é quase como se Jase me antecipasse, seu aperto em meus pulsos cada vez que paramos completamente.

O clube está tranquilo quando saímos da garagem e para o longo corredor que funciona como a principal artéria de tráfego do clube. É quase estranhamente quieto, e tenho que me lembrar de que a polícia invadiu o local apenas algumas horas atrás, então é claro que o lugar vai ser como uma cidade fantasma.

Ando quando Jase aperta a mão nas minhas costas, me empurrando para frente para que eu tropece um pouco.

—Jesus, — digo, dando um passo para o lado e girando em torno dele. —Apenas me diga onde você quer que eu vá, ok? Você não precisa me empurrar.

Ele aperta os olhos, sua mandíbula apertada com força. —É mais divertido dessa forma, não é? — Ele sorri, me empurrando novamente para o efeito. Bufo e bato o corredor, o meu sangue fervendo. Como ele ousa me tratar assim. *Se ele soubesse*.

Mas ele não sabe, a parte racional do meu cérebro corta porque você não vai dizer a ele.

Touché, cérebro. Vá se foder.

Chegamos à porta de Dornan e tremo por dentro. Ele é a última pessoa absolutamente que quero

ver agora. Meu humor está tão sujo, me pergunto se é quase o tempo do mês ou algo assim. Seja o que for, estou me sentindo hospitaleira como o inferno e juro, se ele tentar me fazer chupar o pau de novo tão cedo, eu vou mordê-lo.

Jase bate duas vezes e abre a porta, empurrando-me para dentro do quarto e fechando a porta. Nada de adeus. Sem nada. Sorrio docemente enquanto Dornan levanta de seu lugar, ao pé da cama, colocando roupas em uma mochila de lona.

—Sammi, — ele me trata, sem parar o que está fazendo. —Teve a chance de fazer algumas visitas turísticas?

Dou de ombros. —Na verdade não. Eu meio que me escondi em um afastado motel.

Ele está abrindo gavetas agora, pegando as coisas e embalando-as em sua bolsa. Meu estômago dá uma guinada quando vejo minha mala aberta no chão ao lado dele.

—O Jason tentou qualquer coisa em você hoje, Samantha?

Juro que meu coração para pôr um segundo, quando ele me faz essa pergunta. —Quem, que? — Pulo.

Ele chega debaixo da cama e puxa uma espingarda, quebrando ao meio para revelar duas conchas na câmara, pronta para acabar com a primeira pessoa que se atreve a desafiá-lo. Ele agarra e fecha novamente e traz o escopo até seu rosto.

—Jazz me disse que Jason está de olho em você, — diz Dornan, olhando através do alcance da espingarda. Ele está tentando soar casual, mas posso ver as veias salientes em seus braços nus, correndo em suas muitas tatuagens.

—Você está brincando comigo?

—Pareço que estou brincando? — Ele rosna, abaixando a arma.

—Não, — respondo em voz baixa, pensando, *por favor, não me machuque hoje. Eu não posso fazer isso hoje.*

—Não, o que? — Diz ele, com frieza.

—Não para ambas as perguntas, — respondo, olhando para o chão.

—Você nunca mentiu para mim, não é, Sammi? — Sua pergunta gutural me abala de volta para a noite, ele quase me empalado contra a parede com seu pênis, na noite em que acabou me esfaqueando depois que saboreava suas lágrimas salgadas.

Você nunca me trairia, você faria Sammi?

De repente, a bolsa no meu ombro parece que tem uma centena de toneladas, sobrecarregadas

com a verdade da minha traição.

Sobrecarregadas com a sua própria destruição.

—Nunca, — respondo, repetindo a mesma resposta que dei a ele da última vez, quando ele estava fodendo contra a mesma parede que estou olhando agora quando ele se move ao redor da sala mais uma vez.

—Pensei que você disse que Jase era gay, afinal? — Pergunto, tentando desviar a conversa para longe do tema da minha honestidade ou a falta dela.

Dornan revira os olhos injetados de sangue e me pergunto se ele está chorando por causa da morte de Maxi. —Ele não é gay. Ele está apenas preso a uma garota que ele conhecia.

—Sério? — Digo, degustando saliva amarga na boca em sua irreverência casual pela menina que, até onde ele sabe, ele estuprou até a morte. —O que aconteceu com ela?

Dornan dá um revelador sorriso. —Ela mentiu, — responde ele, entregando-me o meu saco. —Arrume suas coisas. É hora de mostrar aos colombianos alguma justiça pelo que fizeram aos meus meninos. —Ele começa a encher as coisas em sua própria mochila, dando-me um olhar aguçado quando eu não me movo para fazer o mesmo.

Engulo nervosamente. —Meninos?

Ele faz uma pausa, um olhar de tristeza que passa sobre o rosto antes de ser substituído por determinação frio. —Chad e Maxi, menina. Pelo que são os colombianos conhecidos?

—Hum...— digo, —realmente bom café?

Ele aperta os olhos para mim, franzindo os lábios em desgosto. —Drogas, Sammi, — diz ele, balançando a cabeça para mim. —Talvez devêssemos tingir esse maldito cabelo de vocês loiras.

—Você acha que os colombianos mataram com drogas ruins? — Peço inocentemente. *Oh, isso é muito bom*. —Você acha que esse cara Ricardo é o responsável? Você sabe onde encontrá-lo?

Dornan sorri. —Não importa onde ele está, menina. Nós estamos indo para a fonte. Nós estamos indo para o seu armazém e queimando naquele lugar até a porra do chão.

Sei exatamente onde o armazém está, estive lá antes com meu pai e Mariana, quando eles estavam planejando nossa fuga.

Só que desta vez, os irmãos Ross serão os únicos que estarão fazendo a sua saída.

Permanentemente.

Dornan sai do quarto logo depois, me dando a chance de empurrar as bombas caseiras no fundo falso na minha mala. Naquele momento, desejo uma bolsa menor, uma mochila, talvez, mas vou ter

que me contentar com o que eu tenho e rezo para que haja uma maneira de amarrar essa coisa na parte traseira de uma moto.

Então, é claro, não tenho dúvidas, e uma aberração menor para fora, antes de abrir um rasgo no forro da minha bolsa e empurrar as bombas sujas de voltar lá. Não é muito perceptível, com o forro preto e o absurdamente grande tamanho da bolsa. Acho que se eu tiver que sacrificar trazer minha mala gigantesca, vou usar as alças da bolsa sobre os meus ombros como uma mochila improvisada.

Depois de virar essa ideia na minha cabeça um pouco mais, decido esquecer a mala completamente. Abro e pego alguns pares de roupa limpa, um vestido de verão, uma calça jeans e um par de calçados, e enfio todos em minha bolsa em cima das armas de destruição em massa escondidas que estou carregando.

Sento-me na cama, segurando a bolsa para o meu peito, e espero para ser chamada.

Então, não posso deixar de revirar os olhos quando Jazz aparece na porta, sorrindo como um idiota. Eu rapidamente me levanto e coloco minha bolsa por cima do meu ombro, querendo entrar no corredor antes que eu esteja encurralado aqui com ele.

Ele bloqueia a porta com seu físico impressionante, cada mão segurando o batente da porta, de modo que estou efetivamente presa.

—Você sabe, nós fomos interrompidos última vez que tive você só para mim. Talvez devêssemos resolver isso agora. —Seus olhos vagueiam sobre o meu corpo, parando em meu decote que espreita para fora de minha camisa.

—Desculpe, — Dou de ombros, tentando empurrar passado por ele. —Estou no meu período. Caso contrário, sua oferta parece boa demais para resistir.

Minhas palavras cheias de sarcasmo não parecem diminuir seu entusiasmo, ou sua ereção crescente, que aparece de seus jeans soltos.

—Você sempre pode chupar meu pau, — diz ele com voz rouca, colocando a mão no meu ombro e empurrando para baixo em um não tão sutil convite para ficar de joelhos.

Eu pareço sensualmente, chupando meu lábio enquanto olho para o rosto malicioso. —Mmm, parece tentador, — respondo com uma seriedade falsa. —Mas eu vou ter que passar.

Ele envolve os dedos ao redor do meu braço, apertando duro. —Talvez eu só vá transar com você de qualquer maneira. Um pouco de sangue não me assusta.

Talvez eu só vá transar com você até que você sangre. É como se ele fosse apenas uma versão mais jovem de seu pai maldito.

Rio, balançando a cabeça. —Você acha algo mais exceto transar? — Pergunto a sério, olhando para seu rosto. Lembro-me de suas mãos ao redor do meu pescoço, liso com sangue, e a queima do coquetel envenenado em minhas narinas, e então me lembro de seu rosto arrogante olhando de lado para mim enquanto eu lutava em seu aperto, há seis anos, e uma nova onda de ódio bate em mim.

—Não é verdade, — diz ele, sorrindo arrogantemente para mim.

—Acho que já deixei claro que não tenho nenhum interesse em você, idiota, — digo, tentando empurrá-lo de lado e sair do quarto, que de repente se sente incrivelmente claustrofóbico.

Sua outra mão agarra meu braço livre e aperta. —Ainda melhor, — ele respira, apertando meus braços com tanta força que dói. —Você parece que seria uma gritadora. Eu *amo* putas que gritam.

Raiva borbulha em mim, e o olhar em seu rosto não tem preço quando abro o meu joelho e bato em sua ereção tão dura quanto posso, meu joelho cantarolando com o impacto. Ele geme e dobra sobre violentamente.

—Puta, — ele geme, segurando o lixo com as duas mãos quando passo por ele e para o corredor.

—Você sempre pode chupar *meu* pau, — digo, quando passo por ele e pelo corredor.

Vou à garagem, escorregando para o gigante espaço impessoal, quando Dornan faz uma preleção aquecida a quatro de seus filhos, Jase, Donny, Mickey e Ant. Passo em segundo plano até Donny me notar.

—Saia, — ele me diz. —Esta é uma reunião de família.

—Está tudo bem, — diz Dornan, segurando sua mão. —Ela está vindo com a gente.

—Ela está vindo? — Mickey grita. —Por que diabos ela está vindo?

—Porque eu disse isso, porra! — Dornan grita. —Você quer vir, ou você quer se sentar aqui como um merdinha emburrado, enquanto nós vamos vingar seus irmãos?

Jazz me lança um olhar sujo quando ele manca ao meu lado e se junta à conversa. —A cadela não consegue nem ficar em pé, — ele zomba. —Você realmente acha que ela vai ser capaz de se sentar na parte de trás de uma moto por horas?

O rosto de Dornan suaviza momentaneamente. —Leve-a em seu carro, Jason, — diz ele, cansado. —Ela ainda parece meio morta.

Jase apenas me olha, antes de voltar o olhar para o pai.

—Talvez você devesse dirigir, também, — sussurro a Jazz em simpatia falsa, já que ele está de pé perto o suficiente para que nossos braços estejam tocando. —Parece que você mal consegue andar.

Você realmente acha que vai ser capaz de sentar em uma moto por *horas* —Ele parece que ele quer me dar um soco na cara, e sorrio docemente para ele.

—Talvez eu vá, — ele murmura, de modo que só eu posso ouvi-lo. —Talvez eu vá estuprar sua bunda no banco de trás enquanto vamos com o irmãozinho.

Viro minha atenção para Dornan, lutando para manter a raiva do meu rosto. Isso vai ser assim tão doce quando eu pressionar o gatilho e explodir esses filhos da puta em pedacinhos.

—Pronto? — Diz Dornan. Todos grunhindo ou murmurando em resposta.

—Bom, — ele diz, balançando a perna por cima de sua moto. —Vamos dar o fora daqui. Jase, vamos encontrar vocês dois lá.

Jase balança a cabeça com firmeza e passos para trás enquanto o resto deles chegam até suas motos e fala em voz alta. O barulho é ensurdecedor, e tenho que lutar para exortar e manter meus dedos em meus ouvidos para escutar. Isso parece fraco, e a última coisa que quero é parecer fraca em torno desses homens.

A porta se abre e Dornan decola, uma onda de fumaça arrastando atrás de si. Parece estranho, e vejo como as outras motos partem praticamente sem fumaça saindo de seus tubos de escape. Em breve, o zumbido furioso sai fora e, em seguida, desaparece por completo, deixando Jase e eu sozinhos com nada além de sua posição da moto entre nós.

Ele vira a cabeça lentamente para olhar para mim a forma como alguém pode olhar para uma barata morta em seu chão, ou um pedaço de merda de cachorro em seu sapato.

Dou de ombros. —Parece que não vou deixar a sua visão, depois de tudo.

Ele pega sua bolsa e vai fora, deixando-me ali parada na garagem vazia. A poucos passos de distância, ele se vira e me trata com frieza.

—Apresse-se, — diz ele. —Nós estaremos horas atrás deles no carro.

Capítulo12

Leva três horas de carro ao nosso destino. Três horas de silêncio, salpicados com a ocasional conversa fiada estranha começado por mim e terminando por ele.

É um grito longe dos beijos apaixonados e longas conversas que compartilhei com Jase nos últimos meses, e isso faz meu coração doer.

—Para onde vamos? — Pergunto, há duas horas na jornada.

—México, — Jase responde em tom monótono.

—Eu não tenho um passaporte, — eu o lembro. —O que você está pensando em fazer, afinal?

Ele se vira para olhar para mim como se acelerar pela estrada. —Isso depende.

Os cabelos na parte de trás dos meus braços arrepiam, e de repente eu me sinto muito fria. —Depende do que? — Pergunto.

Ele não me respondeu. Sento-me pacientemente por cinco minutos, minhas mãos no meu colo, mas sua provocação está me deixando louca, e eu não esqueci que eu sou agora, essencialmente, uma prisioneira. Antes, eu estava presa por Dornan, mas pelo menos eu tinha Jase olhando por fora, para me certificar de que não morri.

Agora, parece que ele seria o primeiro a puxar o gatilho, se ele viesse para isso.

—Por favor, fale comigo, — imploro, implorando com meus olhos.

Ele olha para mim como se eu fosse um pedaço morto atropelada e esmagada como um purê do lado da estrada e fisga seu olhar de volta para a estrada. —Eu não tenho nada a dizer, — ele responde com frieza.

Pânico borbulha no meu peito e eu sinto que está ficando mais difícil de respirar. Esse zumbido estúpido nos meus ouvidos e no meu estômago está de volta, como um bando de vespas furiosas estão me atacando de dentro, colocando picadas dolorosas atadas com veneno dentro de mim.

Quero chorar, eu me sinto tão impotente. Ele vai me entender. Ele vai descobrir que sou a garota que ele pensava estar morta há seis longos anos, e ele vai perceber que matei seus irmãos, e ele provavelmente vai me dar um tiro na cabeça.

—Eu cresci em um lugar como este, — digo baixinho, roçando os dedos contra a janela. Não posso suportar o silêncio tenso entre nós por mais um minuto, e mesmo se ele me diz para calar a boca, eu, pelo menos, preciso preencher alguns dos momentos entre agora e, em seguida, com palavras e ruído.

—Ah, é? — Jase sorri. —Um clube rival? Diga. Meu pai gostaria de ouvir tudo sobre isso.

Jogo a minha cabeça para frente, de modo que minha testa encostada a janela do lado do passageiro, a ligeira vibração da estrada movimentada fracamente contra a minha pele.

—Meu pai estava em um clube como este, — digo, sorrindo tristemente para lembranças de dias mais felizes. —Não é um clube rival, não. Ele não morreu em um acidente de carro. Ele foi assassinado.

Jase suga uma respiração profunda, mas não diz nada.

—Desde que ele morreu, eu só estive tentando me manter longe de problemas.

—Deixe-me adivinhar, — diz Jase, me olhando. —O problema parece apenas encontrá-la.

Balancei minha cabeça. —Não, eu definitivamente encontrei o problema, — respondo. —Acho que é antes que ele me encontre.

—Eu ainda não entendo você, — diz ele, batendo os dedos contra a alavanca de câmbio entre nós. —Quando você está comigo, você age assim vítima das circunstâncias, mas depois você volta para ele, e você age como se você *gostasse* dele.

Aperto a ponte do meu nariz entre o polegar e o indicador e expiro de forma audível. —Estou incrivelmente fodida. Outra coisa sobre a maneira que eu cresci. As pessoas gostam de mim? Não são normais. Estamos torcidos.

—É por isso que você está com ele? Porque você tem *Saudades do Papai*? —Sua pergunta casual e desdém é como um tapa na cara.

—Sim, — digo com sinceridade. —Algo como isso.

Ninguém fala por alguns instantes.

—Eu disse que ia ajudá-la a sair, — Jase diz com amargura.

—Eu sei, — digo, olhando para as minhas mãos.

—Eu nem sei quem você é, — ele cospe. —Você está enroscada com um policial.

—Não estou, — digo.

—Não acredito em qualquer coisa que você diga mais. Basta parar de falar.

Nós mantemos viajando, emoção mordendo o tempo todo. Sinto-me constantemente à beira das lágrimas, o descanso da bolsa contra o meu pé praticamente queimando minha pele com a verdade de seu conteúdo mortais. De repente, sinto que tenho a dizer alguma coisa, que ele saiba que sinto algo forte por ele. Fico engasgada, piscando para conter as lágrimas e desejando os meus óculos de sol. Engulo, engasgando um pouco, meu rosto se afastando para que ele não possa ver a minha dor.

Olho para cima com um sobressalto quando percebo que pararam, e está sentado parado na faixa de emergência.

—Por que nós paramos? — Pergunto, limpando meu rosto.

Ele não responde por um momento.

Então, —Sammi, — diz ele suavemente, uma mão macia no meu braço.

Franzo a testa, olhando-o por cima do meu ombro, minhas bochechas queimando. Eu não quero

que ele me veja assim.

—Sammi, — diz ele, e mesmo que não seja meu nome real, a emoção que eu posso ouvir sua voz por trás me faz perdê-lo. Porque eu percebo, *é isso*. Este poderia ser o fim para nós. O último momento compartilhado, a fronteira final de Sammi e Jase.

Quando digo que eu perco, eu porra perdê-lo. Eu dobro, a dor no meu estômago como um milhão de facas afiadas, quente, constantes e ardentes. Desencadeio o que se sente como uma vida de lágrimas, armazenado e pronto para chover. Que eles fazem-nos joelhos, nos topos das minhas coxas, por toda a minha mão, enquanto grito feio.

—Jesus, Sammi, — diz Jase, olhando do lado de fora antes de colocar suas mãos nas minhas costas. —Eu sinto muito.

Começo a hiperventilar, não querendo que este momento para termine, não querendo a mão para afastar a minha pele. Porque quando ele leva a mão e dirige o carro de volta para a estrada, que vai ser realmente o fim.

Estou prestes a extinguir toda a sua família, e nada nunca mais será o mesmo.

Enquanto continuo a chupar goles irregulares de ar, ainda dobrada com a minha bochecha pressionada em meus joelhos, Jase coloca as mãos nos meus ombros e me puxa para cima e em direção a ele. Ele estuda o rosto coberto de lágrimas e deve assumir que estou sendo verdadeira, porque ele me puxa para seus braços, meu rosto colado em seu ombro, uma mão que atravessa o meu cabelo solto.

—Hei, hei, — ele acalma suavemente. —Está tudo bem. O que aconteceu, você está bem agora.

Vou para trás a fim de que nós estejamos olho a olho.

—Por favor, não me odeie, — digo, enquanto falo. —Eu sei que toda esta situação é incrivelmente fodida. Vejo o jeito que você me olha. A maneira como você se pergunta o que diabos estou fazendo com ele! —Minha voz está subindo agora, ficando mais alta e mais em pânico com cada palavra, mas não posso parar a avalanche que cai fora da minha boca. —Prometo que vou explicar tudo para você um dia, Jase. Um dia, muito em breve. E você pode me entender, ou você pode apenas me odiar. Mas agora, não posso suportar que você me odeie, Jason. Agora não. *Por favor?*

—Eu não odeio você, — diz ele, enxugando minhas lágrimas com suas mãos grandes e quentes. —Há dias que eu quero odiar você, e outros dias que eu quero levá-la longe de tudo isso. A partir disso. Eu não posso entender você, Sammi, e eu odeio que você está mantendo a merda de mim, mas eu não odeio você, ok?

Concordo com a cabeça em resposta, porque não posso dizer o que eu estou pensando.

Você não me odeia. Mas você vai.

É só uma questão de tempo.

Capítulo 13

Um pouco depois da nossa troca estranha, eu me recomponho e Jase dirige o carro de volta para a estrada movimentada. Sem me perguntar, ele para em silêncio em um posto de gasolina a poucos quilômetros abaixo da estrada.

—Vá lavar o rosto, — diz ele. —Você está toda manchada. Dornan vai me matar se ele achar que eu fiz você chorar.

Ele está sendo bom para mim de novo, e é ainda pior do que se ele estivesse sendo cruel comigo. Agora, sinto como se tivesse manipulado rescindindo suas suspeitas, ainda que temporariamente, por ter uma birra enorme em seu carro.

A verdade é que eu estava segurando aquelas lágrimas por muito, muito tempo. Seis anos, para ser exata.

Lavo meu rosto e seco com uma toalha de papel, reaplico a maquiagem depois.

Não disse mais nada sobre o caminho para o nosso destino. Depois de um curto período de tempo, Jase retarda o carro e para em uma garagem grande, circular que fica na frente de uma mansão impressionante, pontilhada com motocicletas dos Gypsy Brothers. Estamos apenas a poucos quilômetros, no máximo, a partir do cruzamento da fronteira mexicana, e tenho que saber se esta casa tem um túnel secreto ou algo para o outro lado. Logo descarto essa suspeita quando vejo o homem idoso de pé na varanda do segundo andar, falando com Dornan.

Emilio.

—Onde estamos? — Pergunto a Jase, olhando para os dois homens que fumam charutos e falam com as mãos animadas.

—Esta é a casa do pai de Dornan, — diz Jase, olhando para os homens com uma expressão indecifrável.

—Então, ele é seu avô? — Pergunto, mesmo que eu saiba. Eu conheci o homem. Ele é o homem nas sombras que guardava as portas e assistia em silêncio a partir da borda do palco no Va Va

Voom, quando Dornan e seus filhos tiraram tudo de mim há seis anos.

—Suponho que ele é, — diz Jase, claramente não animado com esse pedaço de informação.

Jase não faz um movimento para sair do carro, por isso eu não faço, também. Catalogo mentalmente a meu redor, no caso de eu precisar descobrir sobre as informações mais tarde. Há torres em cada canto quadrado de terra, cada uma abrigando um guarda vestido com traje preto completo, ostentando uma metralhadora cada.

Delicioso.

Jase levanta a mão para abrir a porta e tiro a minha própria mão, parando.

—Espere, — digo com voz fraca. Ele se vira para mim, com o rosto branco, controlado.

Tomo a mão mais próxima de mim e aperto carinhosamente.

—Só... Queria que as coisas fossem diferentes, sabe?

Ele olha para a minha mão, antes de colocar a sua outra mão em cima e me bater suavemente.

—Sim, — diz ele, com um olhar de resignação em seus olhos.

Ele sai do carro e eu sigo lentamente, agarrando minha bolsa do meu lado protetor.

Está quente aqui em Tijuana, quente e poluído. E eu pensei L. A. tinha um problema de fumaça. Não tem nada no ar espesso, obsoleto que gruda minha pele e me faz sentir suja no momento que estou fora do carro. É a realidade de ter milhares de carros passando por uma borda estreita atravessando a cada hora, suponho.

Dornan olha e nos reconhece com um golpe de seu queixo, dando uma baforada em seu charuto enquanto escuta seu pai falar. Olho para Emilio rapidamente, vendo seu terno de grife caro e cabelos grisalhos, e quer saber como o filho de um traficante de drogas italiano conseguiu tornar-se o líder da Gypsy Brothers MC.

Mas eu sei, é claro. Sei exatamente como ele fez isso. Ele acabou de matar e matou, até que ele tinha todo o poder. É a maneira mais simples de chegar ao topo.

Eliminar a competição.

Jase faz o seu caminho até uma longa série de escadas de pedra lisa que levam a portas duplas da frente, esperando que eu a apanhe antes que ele bata. Uma jovem, vestida com um uniforme de empregada doméstica preto e branco abre as portas antes de sua mão está mesmo de volta ao seu lado. Acho que eles estavam esperando por nós.

—Eles estão lá em cima, — a menina diz, apontando para a escadaria ornamentada na frente de nós que leva até um segundo nível.

Nós caminhamos através de um hall de entrada com aparência extravagante antes de subir as escadas, e me pergunto se eu já estive em uma casa pingado tanto dinheiro como um presente. É dinheiro sujo, porém, você pode dizer pelas manchas de gesso arrancadas das paredes, que são tão obviamente buracos de bala, e a maneira como a empregada está em torno com se sua própria vida depende de seu padrão de trabalho. *Provavelmente não.* Meu coração afunda quando percebo que ela é, provavelmente, um escravo de algum tipo. Preso em casa e na propriedade de Emilio. Ele é um bastardo doente assim. Estava sempre aterrorizada em chegar perto dele como uma criança.

Quando chegarmos ao topo da escada, vejo Dornan através de uma porta aberta. Ele está de pé na varanda ainda, conversando com seu pai, mas ele para o tempo suficiente para piscar para mim. Algo emociona através de mim e pisco de volta para ele, sentindo a clara adrenalina em minhas veias de novo.

Ele acaba com seu pai e vai para o interior, o charuto ainda na boca. Ele sopra sobre ele algumas vezes antes de removê-lo, tirando os dedos de sua outra mão para chamar a atenção dos outros irmãos, que estão em pé e relaxando ao redor da sala formal, sala de estar, olhando com raiva e tédio.

Sempre com o olhar entediado, estes irmãos.

Jase entra na sala ao meu lado. —Desculpe, pop, — diz ele. —O trânsito estava uma merda.

Dornan balança a cabeça, encolhendo os ombros. —Não é possível dirigir um carro no meio de todos como você pode com uma moto, — diz ele, aplacando Jase, que relaxa visivelmente.

—Certo, — diz Dornan, e cada filho está pendurado sua palavra. —Nonno tem algumas coisas que ele quer dizer a todos vocês.

Emilio entra na sala da varanda, o charuto ao seu lado. Ele passa Dornan e vem a uma parada na minha frente, seu olhar indo à cima de mim como se eu fosse um pedaço de estrada que está fedendo o lugar.

—Quem é ela? — Ele pergunta com um pesado sotaque italiano, respirando fumaça de charuto sujo na minha cara. Seus reflexos no dente de ouro da luz solar mosqueada que filtra na sala escura, e tenho que lutar para não tremer. Lembro-me desse dente, aquele sorriso mal, muito bem.

—Sammi, — explica Dornan.

—Bem? Que diabos ela está fazendo na minha casa?

—Pai, por favor, — diz Dornan, indo embora. —Sammi, desça as escadas. Emanuela vai mostrar onde esperar por nós.

Eu viro o calcanhar e deixo a sala, fechando a porta atrás de mim, o fantasma de um sorriso em

meus lábios.

Uma hora mais tarde, estou em pé na varanda que se projeta para fora de um grande quarto de hóspedes que se sentisse frio, todas as paredes brancas e tetos altos. O sol está começando a desaparecer no horizonte, e só posso supor que Dornan e seus filhos estão ou planejam atacar esta noite, uma vez que está escuro, ou esperar até de manhã. Se eles querem chegar aos colombianos pelo armazém esta noite, vou perder a minha chance de ficar a sós com suas motocicletas e inserir minhas bombas, e tudo isso vai ser perda de tempo.

Deus, espero que eu possa ficar a sós com essas motos por cinco minutos malditos.

Esperando. Assistindo a porta. As bombas caseiras de Elliot queimando um buraco em minha bolsa, ou pelo menos é o que parece.

Ainda é tão arriscado. Sei que não importa o que, eu não posso me juntar a eles no passeio. Mesmo se houver um passaporte falso para mim, o que é perfeitamente possível, se eu tiver que ir a qualquer lugar perto dessa passagem da fronteira, vou ser descoberta. Eu poderia ser capaz de enganar Dornan e seus filhos, mas não posso enganar cães farejadores, máquinas de raios-X, e policiais armados.

Ouço passos se aproximando da porta, e eu sei que é Dornan antes mesmo que ele apareça na porta. Algo sobre sua caminhada, a forma como as botas batem no chão, a arrogância arrogante que diz que ele é dono de onde quer que esteja, tudo vibra através de cada passo que dá.

Bem, esses passos são numerados. Ele vai morrer esta noite. E o meu pesadelo vai finalmente ter acabado.

Ele fecha a porta atrás dele e deixa a mochila em cima da cama com um baque. Sem falar, ele anda atrás de mim, pressionando seu corpo duro na parte traseira do meu.

Ele desliza uma das mãos sob a camisa, jogando com o meu mamilo, e aperta meu queixo com o polegar e o indicador da outra mão. Puxando-me, ele me orienta para encará-lo, com os olhos de carvão em chamas com uma vingança de sua autoria.

—Parece que alguém roubou sua moto, — digo, apontando para a calçada vazia. É claro que eles não foram roubados, eu vi Donny e Jase rodá-las ao virar a esquina e fora da vista de alguns minutos atrás.

—Elas estão trancadas na garagem durante a noite, — diz Dornan. —Nós não precisamos de ninguém nos vendo aqui e ficando à frente de nós.

Na garagem. *Obrigada, senhor, pela peça crucial de informação.*

—Eu estive esperando por você, — digo, antes que ele bate seus lábios nos meus. Ele tem gosto de cerveja e charuto, não inteiramente desagradável gosto em si, mas é claro que é desagradável, porque é *ele*.

—Ah, é? — Ele faz barulho, todo o mel e cascalho na garganta. Não posso acreditar que esta será a última vez que ouço sua voz. A última vez que ele coloca as mãos em mim. A última vez que ele começa a me acariciar abertamente em uma varanda, onde qualquer um poderia nos ver.

—Mmm-hmm, — respondo, girando minha língua em torno dele, parecendo um pouco ruim com o quanto sua morte iminente está me saindo. Jesus Cristo, estou tão confusa da cabeça.

Ele desabotoa o topo da minha calça jeans e puxa o zíper lentamente, apertando a mão na minha calça e puxando minha calcinha para o lado. Eu já estou molhada, emocionada e ligada com a perspectiva de que sua vida está em minhas mãos, em vez do contrário.

—Ohh, — Suspiro quando ele empurra seus dedos dentro de mim.

—Então que porra apertada, — ele geme, trabalhando seus dedos rápidos. Minhas bochechas brilham quando roubo um olhar ao redor, notando que qualquer um poderia nos ver.

Ele retira os dedos e agarra a parte superior do meu braço, me arrastando para dentro.

—Dispa, — ele ordena, abrindo seu jeans e apalpando sua ereção. Eu faço o que ele diz, jogando a minha camisa e calça jeans no canto de modo que estou usando apenas o meu sutiã.

—Deite em seu estômago, — ele ordena. —Traseiro no ar. — Eu faço o que ele diz, obedecendo, sempre obedecendo.

Não por muito tempo.

Fiquei ali antecipando sua próxima jogada, minha boceta batendo com a ideia de que está prestes a acontecer.

Ele não decepciona. Ele se inclina para perto e empurra dentro de mim, e eu grito, repleta do próprio diabo dentro de mim.

Alguns traços rígidos e de repente ele puxa para fora, arrancando no meu braço para que eu vire em minhas costas.

—Maior, — diz ele, empurrando os joelhos separados até meus quadris gritando de dor. Ele afunda seu pau em mim, duro e rápido, e não é muito antes de ele estremece e vai ainda, seus olhos rolando para trás em sua cabeça enquanto ele atira sua carga em mim.

Pela última vez. *Deus, eu espero que sim*.

Nós cochilamos, membros emaranhados, ou pelo menos ele faz enquanto eu finjo. Fiquei ali por

horas, o rescaldo nebuloso do sexo esgotando e deixando em seu rastro, tristeza e desespero. De repente, sinto que eu vou ter a porra de um colapso, e chupo lufadas de ar para tentar parar as minhas lágrimas de vir.

Mas é que eles fazem, escorrendo pelo meu rosto em cachoeiras gigantes. Eu me tornei tão acostumada à porra do homem que me estuprou e destruiu tudo, na minha busca para destruí-*lo* Que eu esqueci o que os normais gostam.

É nesse exato momento que percebo o quanto eu me odeio, porra. Não é de admirar tanto que Elliot e Jase não me suportam, ou as coisas que eu fiz. A maneira que eu tenho vivido. A maneira que eu nunca me deixei pensar além do próximo corpo morto, mas não penso sobre isso agora, e isso parece tão sombrio, frio e implacável como os olhos de Dornan quando ele olha para mim.

E também quando eu percebo que mesmo quando Dornan e seus filhos morrerem, não vou me livrar desse sentimento horrível que permeia cada célula do meu corpo. Esta sujeira. Se eu fosse uma daquelas vítimas de estupro estereotipadas em um programa de TV, eu me esfregaria crua e choraria o estúpido em um chuveiro quente escaldante, mas fiz isso um milhão de vezes ao longo dos últimos seis anos, e nunca, *nunca* funcionou.

Então, faço o que vai me fazer sentir melhor em seu lugar. Eu me desembaraço sempre muito gentil, certificando de que eu não desperto Dornan de seu sono, e vou à ponta dos pés para o banheiro. Depois que eu jogo água no meu rosto, eu me sinto um pouco melhor. Estudo o meu corpo nu no grande espelho atrás da pia, ainda vendo costelas e quadris que sobressaem dolorosamente. A marca da mordida no meu peito ficando roxo e machucado, parecendo berrante, em comparação com o resto da minha pele. Perdi aquele brilho bronzeado que eu tinha quando cheguei a Los Angeles, e minha pele só fica pastosa e insalubre.

Eu me visto em silêncio, puxando uma camisola preta sobre a cabeça e usando minhas habilidades furtivas ninjas para pegar silenciosamente a minha bolsa. Os explosivos pesados batem um contra o outro no fundo do saco, e olho para Dornan para me certificar de que ele ainda está dormindo. Ele não se move, e passo devagar e silenciosamente em direção à porta, meu olhar nunca deixando seu rosto.

Capítulo 14

Eu desço pela escada até o corredor longo e curvo que percorre toda a extensão do piso inferior, meus olhos em todos os lugares, para ouvir qualquer ruído que poderia sinalizar que alguém se aproximava. Eu sei que vários dos irmãos estão provavelmente mantendo guarda em turnos, mas faz sentido que eles se concentrem no perímetro da propriedade, em vez de dentro.

Rastejo em direção à outra extremidade da casa, tentando adivinhar na minha cabeça onde a garagem estaria. Se eu vi corretamente, os irmãos tinham rodas das motos ao redor do outro lado da casa, longe dos quartos. Tinha que ser bastante perto, ou então eles teriam montado as motos, então tenho um palpite na cabeça que é nessa direção.

Estou com sorte. Depois de algumas falsas partidas, em seguida, uma sala de armazenamento, passo em cima da garagem, que está alojada fora do corredor, à porta nada diferente do resto das portas que pontilham o longo corredor. Testo a porta, e o meu coração salta de alegria quando a fechadura se move facilmente. Claro, ela está trancada pelo lado de fora. Estou muito grata que ninguém trancou por dentro, também.

Fecho a porta atrás de mim, torcendo a fechadura de modo que se alguém tentar entrar, eu poderia ter tempo para me esconder, o momento da verdade e da ação de repente em cima de mim. Estou apavorada agora, meu coração parecendo que está prestes a sair meu peito.

As motos estão estacionadas na extremidade da garagem, e eu avanço, determinada e doente do estômago nervoso. Leva-me alguns momentos para puxar os sacos e o telefone fora do revestimento da minha bolsa e alinhá-los na minha frente com as mãos trêmulas. Dirijo-me a cada telefone, aliviada que Elliot teve a clarividência de carregá-las e mantê-las totalmente desligada antes de dá-las a mim.

Em seguida, ando na ponta dos pés até a primeira moto na linha e desaperto a tampa de combustível, manobrando um dos telefones finos e os pacotes de pregos e rolamentos de esferas de metal no interior. Estou suando, a garagem sem ar, sudorese e respiração ofegante, porra. Devo parecer horrível, enchendo as motos com explosivos em minha camisola maldita enquanto hiperventilo do medo, e falta de ar fresco.

Depois de me atrapalho no que parece horas nas duas primeiras motos, que eu consegui ter o resto dos explosivos nos tanques de combustível restantes bastante bem. Olho em volta de um pano para limpar cada uma das motos. Pequenas gotas de gasolina indo a cada moto, mas é claro que não há nada fora do lugar no quarto imaculadamente limpo e arrumado, então improviso. Uso a borda da minha camisola, grata que eu escolhi usar preto, e enxugo quaisquer pequenos derrames.

Satisfeita, passo para trás e levanto as motos, cada um agora recheada com explosivos. Escolhi encher uma bomba extra no tanque de combustível da moto de Dornan, de modo que não importe o que aconteça, aquele filho da puta em pedacinhos quando pressionasse o botão de detonação.

Pesco o meu próprio iPhone da minha bolsa e ativo o aplicativo que Elliot carregou no meu telefone, o que acompanha o GPS de todos os cinco celulares que agora flutuam no interior dos tanques de gasolina de cada moto. Respiro um suspiro de alívio quando seis pontos verdes aparecem na tela na minha frente. Todos eles trabalham, então eles devem explodir.

Isso é um grande *deveria*.

Eu não sou uma idiota, sei que as coisas podem dar errado. Se eu não calcular o tempo corretamente, eles poderiam andar muito longe, tornando o detonador inútil. Eu preciso estar dentro de uma faixa de cinco quilômetros dos telefones e as motos para o detonador trabalhar. Não sei por que, estou apenas seguindo as instruções de Elliot.

E depois há a questão de sair ao mesmo tempo. Se eles saem em uma sequência escalonada, estou ferrada, porque vai significar que alguns deles podem explodir mais perto de casa, ou até mesmo dentro da garagem.

Verifico que o meu próprio telefone tem uma bateria completa e, em seguida, saio do aplicativo GPS, empurrando-o de volta na minha bolsa. Satisfeita, afundo na minha bolsa sobre meu ombro e na ponta dos pés para fora da garagem, fechando-a silenciosamente atrás de mim.

O alívio passa através de mim, e sinto que choro de repente. *Mais uma vez.* Ando ao longo do corredor, de volta para a sala onde Dornan ainda está, presumivelmente, dormindo, e agora que estou em casa livre, sou muito mais casual.

O que é meio idiota, porque quando chego ao topo da escadaria e viro na curva para o conjunto de quartos, o meu cavaleiro de armadura brilhante está de pé no meu caminho, vestindo nada além de um par de boxers apertados preto, seu cabelo despenteado e os braços cruzados sobre o peito tenso.

—Oh, — digo, ajuntando o meu olhar sobre ele. —Olá.

—Onde você pensa que vai? — Jase pergunta, sua voz cheia de raiva.

—Estou tentando encontrar um banheiro, — cuspo de volta para ele. Obrigada por ele me encontrar depois que eu coloquei as bombas, ou eu estaria ferrada e, provavelmente, acabada com uma bala na minha cabeça.

—Você tem um banheiro no seu quarto, — ele responde, como se eu fosse uma idiota.

—Sim, e se eu acordar seu pai, nunca vou ouvir o fim de tudo, — Assobio.

Ele se inclina para mais perto e cheira a minha camisa. —O que você está fazendo? — Digo, empurrando-o para fora do meu espaço pessoal.

—Por que você fede a gasolina? — Jase pergunta: suspeita viva em seu rosto.

Estreito meus olhos. —Porque seu pai apenas rodou em cima de mim. Você realmente tem que perguntar? Você quer que eu desenhe uma imagem?

Ele olha minha bolsa, e eu posso praticamente ver as engrenagens girando em sua linda cabeça. —Por que você está carregando uma bolsa para ir ao banheiro? — Ele pergunta, pegando a bolsa do meu ombro.

Ele abre o zíper, que agora não tem nada, exceto uma muda de roupa e uma grande caixa de tamanho grande de tampões.

—Porque eu tenho o meu período, idiota, — digo. —Você prefere que eu leve esta caixa maciça de Tampax para seus irmãos verem? — Chegou mais perto e arranco a caixa para fora da bolsa, acenando em seu rosto. —Eu só posso *imaginar* as piadas de bom gosto que faria sobre isso.

Aparentemente satisfeito com a minha história, mas ainda não feliz, ele empurra a bolsa de volta para mim, e agarro antes que ela caia no chão. Ele vira as costas e os calcanhares, seu traseiro parecendo multa poderoso naquele boxer apertado que ele está vestindo.

Escorrego de volta para o quarto que estou compartilhando com Dornan, sem acordá-lo, e sento numa cadeira de vime na varanda, o ar abafado noite quente, mas suportável lá fora.

Sento-me, e espero que o sol surja, para o meu dia do julgamento começar.

Dornan acorda no momento em que o sol começa a subir, o mundo banhado em um brilho alaranjado estranho, meio escuro, meio na luz. Vejo do meu lugar na varanda quando ele se veste, de forma rápida e eficiente. Ele ainda tem um coldre de arma, que ele usa em seu peito sobre uma camiseta preta lisa, com uma arma presa debaixo de cada braço. A jaqueta de couro por cima, simples, estou supondo, porque eles estão indo para o elemento surpresa, e ele está vestido para matar.

Muito ruim para ele que ele é o único que vai morrer.

Ele caminha para a varanda, e me levanto da minha cadeira para cumprimentá-lo.

—Bom dia, menina, — diz ele, mergulhando a cabeça para os meus lábios e tomando o que ele acha que é dele.

Fico na ponta dos pés e beijo com o fogo. Eu beijo com raiva. Beijo com toda a sensação que eu tenho em meu corpo. Tenho que parar de morder a sua língua e saborear seu sangue.

Ele está respirando com dificuldade, quando ele finalmente se afasta de mim, um sorriso diabólico nos lábios.

—Porra, Sammi, — diz ele, enxugando o dedo sobre o lábio inferior. —Se eu não a conhecesse melhor, eu diria que você queria me comer vivo.

Sorrio sombriamente. —Algo como isso, — respondo.

Ele dá a minha bunda um último aperto e anda para trás, colocando um dos meus cabelos dispersos atrás da minha orelha. É um gesto estranho para alguém como ele, e meu estômago agita um pouco de sua ternura, porém passageira.

—Eu vou vê-la hoje à noite, — diz ele. —Não vá a lugar nenhum.

Sento-me de volta, sorrindo enquanto ele pega suas coisas e vai para a porta.

—Eu estarei esperando, — eu chamo quando ele sai da sala, me dando um sorriso e uma piscada como ele fecha a porta atrás de si.

Eu ouço seus passos afastando, e de repente eu sou uma bola de nervos. Meu estômago queima, e me sinto estrangulada em minha garganta, correndo ao banheiro antes de esvaziar o conteúdo do meu estômago no vaso sanitário. Ofegante, cuspo a boca cheia de saliva ácida dentro do vaso, liberando os restos do cachorro quente do posto de gasolina de ontem e batatas fritas longe.

Dou dois passos para fora do banheiro antes de decidir que eu não terminei, e corro de volta para o vaso sanitário, engasgo no vômito restante que está queimando seu caminho até minha garganta.

Fico ali por alguns minutos, certificando-me que realmente terminei este tempo, antes que eu lave novamente a boca. Vejo o movimento no espelho, alguém se movimentando no quarto além, e eu giro ao redor, batendo meu quadril contra o balcão do banheiro no processo.

—Nossa, — reclamo, tropeçando para fora do banheiro.

Jase está sentado na cama desfeita, vestido desta vez, em jeans e uma camiseta cinza escura que mostra seu bíceps tatuados lindamente. Engulo grosso, procurando o espaço para um copo de água.

—Você não bate? — Pergunto, a localização de um copo de água na mesa de cabeceira mais próxima do meu lado da cama. Pego a água e tomo um longo gole. Eu quase cuspo um bocado de água em toda a sala quando Jase fala seguinte.

—Vômito de manhã, — observa ele casualmente. —Você não está grávida, não é?

Engasgo com a água na minha boca, forçando-o na minha garganta antes de falar. —Não, eu

não estou, — Respondo em breve, irritado com a sua presença. —O que você quer?

Ele aperta os olhos para mim. —Eu não tenho uma moto, lembra? Estou preso com você enquanto todas as pessoas começam a cavalgar para o armazém.

Claro que eu sei. É a única maneira que este plano vai funcionar. Porque eu me recuso a machucá-lo.

Levanto minhas sobrancelhas. —Não aja como você preferisse ir com eles em algum passeio de vingança. Você não é nada como o resto deles.

O som de uma partida de motocicleta deriva da calçada abaixo, rapidamente juntando ao resto. *Comece o Jogo.* Eu não tenho muito tempo, e Jase quer ficar e trocar brincadeiras espirituosas? Quando o tempo todo estou pensando em *Ir embora*! Porque preciso do meu telefone, e preciso ver onde esses seis pontinhos verdes estão para que eu possa pressionar o botão e acabar com essa coisa antes que eles estejam fora da zona de cinco milhas.

—Preciso me vestir, — digo, indo sobre a minha bolsa. Mas Jase não anda para sair do quarto.

—Por todos os meios, fique e veja, — digo, as minhas palavras cheia de sarcasmo. Ele sorri, e isso me mata que ele não me deu um sorriso verdadeiro no que parece uma eternidade.

O sorriso desaparece de seu rosto quando ele se inclina para trás em suas mãos, aparentemente, não indo a lugar nenhum. —Você não é exatamente tímida, — diz ele, sacudindo o seu olhar para cima e para baixo do meu corpo. —Mas se você está querendo se cobrir, há sempre o banheiro...— Ele enfia um dedo polegar em direção ao quarto e saindo, e suspiro dramaticamente, pegando minha bolsa e indo para o banheiro. Tranco a porta atrás de mim, o coração na boca, quando abro a bolsa para pegar meu telefone.

Fecho a tampa do vaso e sento, de repente minhas pernas como borracha. Respirando rapidamente, navego para o aplicativo GPS e vejo os seis pontos afastados minuciosamente quando as motos deixam a propriedade, e eu só posso ouvir os sons fracos de seus motores se abrindo à medida que cantarolam pela estrada.

Fecho o aplicativo GPS e mudo para outro aplicativo, o único que tem o botão de detonação. Eu vomito seco quando passo o dedo sobre o botão que dará início à contagem regressiva de dois minutos, e termino em uma explosão de fogo.

Por um momento, eu vacilo. Talvez eu não devesse. Talvez eu *não pudesse*. Mas, então, penso no que vai acontecer comigo quando as motos eventualmente fizerem a uma parada, quando o combustível estiver baixo o suficiente para os sacos de plástico bloquearem a entrada de combustível, e

alguém descobrir o que eu fiz.

Vou estar morta. Pior do que morta. Elliot, também.

Engulo de volta bile fresca e pressiono o botão, minhas mãos tremendo incontrolavelmente.

Porque em menos de dois minutos, Dornan e seu filhos, todos eles, além de Jazz serão feitos em pedaços.

Capítulo 15

Tranco o meu telefone e deixo na alta janela no banheiro, vestindo um top preto sem mangas e shorts jeans. Deixo o banheiro e passo por Jase, empoleirado na cadeira de vime na varanda.

É nesse momento que detecto algo que poderia estragar tudo. Uma motocicleta solitária, estacionada na garagem diretamente abaixo da varanda que eu estou em pé. A moto que suspeito como sendo de Dornan.

Inclino minha cabeça para o lado, um crescente sentimento de pânico aumentando dentro de mim.

—De quem é essa moto? — Pergunto a Jase, apontando para a motocicleta parada na calçada. Jase levanta da cadeira e anda ao longo, sem pressa alguma.

—Ah, sim, — diz ele. —Dornan tem um furo em seu pneu. Ele pegou a moto de Jazz.

—Oh, — digo, de repente sentindo medo nas raízes das plantas no meu estômago e florescendo rapidamente por todo meu corpo.

A moto de Dornan está aqui.

A moto de Dornan vai explodir em cerca de noventa segundos.

Menos de cinquenta metros de onde nós estamos.

Eu me afasto do corrimão, imaginando até onde os fragmentos vão viajar quando explodir a moto. Claro, é abaixo de nós, mas isso não me dá uma razão para me sentir segura. Homens-bomba que usam merda assim podem acabar com blocos inteiros de prédios altos, e embora eu saiba que Elliot fez estas em uma escala muito menor, eu não sei o suficiente sobre eles para assumir que estão fora da zona de tiro.

Fico na frente de Jase quando o despertador na mesa de cabeceira bate fortemente, o aviso batendo em meu cérebro como uma marreta. Ele olha para mim estranhamente, quando eu chego e o

puxo pelo pulso.

—E agora? — Pergunta ele, irritado.

—Eu preciso mostrar uma coisa, — digo, puxando seu pulso. Ele não se move, preso ao chão.

—Não, — diz ele. —Não estou no clima para as suas palhaçadas agora.

Entro em pânico, meu estômago balançando novamente. *Puta merda. Como é que vou levá-lo para dentro?*

Corro de volta para o banheiro e só pego a tampa do vaso mantido aberto a tempo de vomitar, nada sai só mas bile clara. Grossa.

—Jase, — digo fracamente, ainda ajoelhada no chão banheiro. —Você pode por favor, vir aqui?

Deus, será que você acabou de gozar aqui dentro?

Inclino a minha cabeça contra a parede de azulejos, ouvindo por ele. Meu coração salta de alívio quando ouço seus passos se aproximando do banheiro.

—O quê? — Ele pergunta, claramente impressionado.

Fico com as pernas trêmulas. —Você pode me dar um pouco de água, por favor?

Deus, esses tem que ser o mais longo de dois minutos de minha vida inteira. As bombas não deveriam explodir já? Talvez não desse certo, o que é bom e terrivelmente ruim.

Bom porque não estamos prestes a ter a moto de Dornan explodindo abaixo de nós. Ruim, porque se as bombas não explodem, eles vão eventualmente ser encontradas e rastreadas de volta para mim, à menina que se arrasta pelos corredores fétidos de gasolina e carrega uma bolsa massivamente enorme, no meio da noite, quando ela tem um perfeitamente bom banheiro para usar em seu próprio quarto.

Jase parece impressionado e balança a cabeça. —Estou aqui para ver você, não para esperar sua mão e a porra do pé, — diz ele, virando para sair do banheiro.

—Espere! — Digo desesperadamente, puxando o cotovelo.

Não importa, porém, porque os dois minutos estão ai.

E abaixo de nós, o mundo explode.

Capítulo 16

Até mesmo os melhores planos podem dar errado. Essa é a coisa sobre aleatoriedade e destino.

Você pode colocar o dobro da quantidade de explosivos no tanque de uma motocicleta do seu inimigo, mas isso não significa que ele vai montar.

Você pode mentir para o garoto que você amou desde os 15 anos de idade, mas isso não significa que ele vai acreditar em você.

Você pode tentar matar todo mundo que já fez que você fosse errada, mas isso não significa que eles vão morrer.

Estou de pé na sala de emergência de um hospital público em ruínas no lado americano da fronteira com Jase, quando vários outros membros do alto escalão do Gypsy Brothers aparecem. Restos do meu pai, eles eram seus amigos era uma vez. Agora, eles são servos de Dornan, com relutância ou não. E eles estão aqui, ultrapassando a emergência em seus couros corpulentos, cinturas cheias com revólveres mal escondidos. Vários policiais e agentes do FBI estão entre a multidão, bem como, deixando muito pouco espaço para as pessoas doentes e feridas de verdade que estão amontoadas em um espaço livre disponível.

Um dos rapazes, um cara solidamente construído, com uma longa barba grisalha, vem até Jase. —Você precisa voltar para o clube e restaurar a ordem, — diz ele para Jase. —Com todos os outros fora de ação, você é o membro mais graduado do clube.

Jase balança a cabeça. —Não, Slim. Eu não vou deixar a minha família aqui. Preciso saber o que está acontecendo.

Slim, que não é realmente tão fino em tudo, anda mais perto. —Eu o conheço desde que você era um garoto ranheto, — diz ele, com a mão no ombro de Jase: —E criança, se eu disser que você tem que voltar para o clube, você começa andar seu rabo de volta para a porra do clube.

Jase olha para mim. —Vamos lá, — ele late. —A casa do Clube. Agora.

Abro a boca para responder que prefiro ficar aqui, quando Jase agarra meu pulso e começa a me arrastar ao lado dele. — Hei, — protesto, sacudindo. —Eu quero estar aqui quando Dornan acordar.

Ele continua a me arrastar para o estacionamento enquanto protesto, até que ele faz algo que nunca pensei que ele ia fazer comigo.

Ele me empurra sobre o capô de seu carro, puxa uma arma da cintura e prende na minha cabeça.

Abro minha boca e exclamo surpresa com o fato de que ele está quente, quando vejo que é a arma de Dornan. Meu coração afunda. Ele deve ter de alguma forma pegou os objetos pessoais de seu pai. Eu, pessoalmente, estou ainda iludida quando Dornan ou sua arma sobreviveram à explosão. Estou

ainda mais chateada que Mickey e Donny ainda estão pendurados em suas próprias camas hospitalares. Quem sabe se algum deles vai sobreviver, mas neste momento, estou querendo saber se *algo* vai matar os desgraçados teimosos.

Eu agito quando olho para cima, o aço frio do capô do carro atrás de mim, esforçando-se para ver o cano da arma que é prensada entre meus olhos.

—Você sabia que a bomba ia explodir, — ele respira, pressionando todo o seu corpo contra o meu, me prendendo contra o carro. Eu começo a arfar, de repente aterrorizada.

—O que você fez? — Ele sussurra.

—Nada, — protesto.

Jase está com raiva, uma bobina apertada de nervos, raiva prestes a explodir. Eu vejo em sua mandíbula aperta, sua profunda carranca, a maneira como ele segura a arma firme em minha testa.

—Os médicos têm Dornan em coma induzido, — diz ele, com amargura.

Aceno minuciosamente. Eu posso praticamente ver as ondas negras de raiva acumulada derramando para fora, enchendo o ar entre nós.

—Meus irmãos estão mortos, — diz ele, e ele não vai tirar os olhos de mim.

É verdade. Eu não precisava ter me preocupado com Jazz. Ele estava ao lado da moto de Dornan quando explodiu em pedacinhos, levando-o junto com ele. Eles estarão pegando pedaços dele pela garagem por meses. Ant está morto também, mas eu não entendo como *três* deles sobreviveram.

—Eu sinto muito que seus irmãos estão mortos, — minto. Eu não estou. *Estou feliz.*

Ele ri amargamente, levando a arma da minha cabeça e deixando o braço cair para o lado. Ele escava algo do bolso e coloca sobre o capô do carro na nossa frente, uma pequena caixa quadrada feita de papelão. Meu coração cai.

—Eu não sabia que você era uma farsa, — diz ele perigosamente empurrando minhas lentes de contato, com o dedo para que elas deslizem sobre o capô do carro.

Merda!

—Eu não disse que eu era cega como um morcego? — Pergunto casualmente.

Ele solta lasers com os olhos. —Eles não são para melhorar a visão, — ele cospe. —Eles são para mudar a cor dos olhos. De que cor são eles, realmente? —Ele está em mim antes que eu possa reagir. Ele agarra meu pulso com uma mão e congestiona a arma em minha garganta com a outra, me batendo para baixo sobre o capô do carro novo.

—Quem é Elliot? — Pergunta ele, pressionando a arma na minha garganta o suficiente para ser

desconfortável, sem cortar completamente o meu suprimento de ar.

Oh, Deus. É claro que ele sabe que eu tinha algo a ver com as bombas. Mas será que ele sabe sobre mim?

—O quê? — Eu grosa em torno de seus dedos. —Eu já disse a você.

—Elliot McRae. Você tem de conhecê-lo de suas corridas, Samantha. —Ele diz o meu nome como se fosse um pedaço de merda. —Não é apenas uma ou duas vezes para um hotel velho. *Eu sei*. O que vocês dois fizeram?

— Você está me seguindo? —Pergunto incrédulo.

—Eu vi você com ele naquele armazém. Pensei que eu deveria saber quem era o *outro* que estava compartilhando você. Fiz uma pequena investigação.

Ele escava o cano da arma na mais difícil. —Quem é ele? Seu menino brinquedo?

—Ele é apenas um amigo, — digo, tossindo. —Você está me machucando, Jase. — Eu tento empurrar a arma da minha garganta, mas ele deixa de ir meu pulso para bater minhas mãos.

—Bom, — diz ele. —Então você sabe que estou falando sério. *Por que* você se reuniu com ele?

Entro em pânico, e digitalizo o meu cérebro por uma resposta. Está ficando mais difícil de respirar e a falta de oxigênio não está me ajudando a chegar a uma mentira.

—Hei, — diz Jase, estalando os dedos na frente do meu rosto com a mão livre. —Diga-me a verdade, em vez de inventar outra mentira.

Não importa, não é? Ele ainda não conecta Elliot com Juliette.

—Ele me amou, uma vez, — digo honestamente. —Até que ele me deixou.

Seu aperto relaxa um pouco e eu ofego, meus dedos ainda apertados em torno de seu braço, com lágrimas nos cantos dos meus olhos.

Algo vibra contra a minha coxa quando algo de alta-frequência vem do bolso de Jase.

Olhando irritado, ele arrasta seu celular do bolso e olha para a tela rapidamente.

—Foda-se, — ele murmura, dando um passo para trás. Ele segura a arma na frente dele, seus olhos nunca deixando os meus. —Não faça isso. Se mova, — ele pronuncia, pressionando um botão e segurando o telefone no ouvido.

—O que você achou? — Ele late, e ouço a conversa animada na outra extremidade. A outra pessoa parece ter muito a dizer, e enquanto eu estudo a expressão de Jase, tenho a estranha sensação de que a voz está falando de mim.

Seu rosto vai de raiva, a preocupação, a completamente perplexo.

—Ele era? — Ele pergunta a pessoa. —Obrigado.

Ele termina a ligação e empurra o telefone de volta no bolso, com os olhos acesos de algo indescritível. Confusão, sim, mas há algo mais, uma tristeza profundamente enterrado que ameaça estourar.

Naquele instante, ele suspeita que a verdade. Eu sei disso. Está lá, na forma em que seus olhos vagueiam ao meu quadril coberto e de volta para os meus olhos. Posso praticamente vê-lo fazendo os cálculos em sua cabeça e vendo as pistas acumulando. Mas, ao mesmo tempo, sei que ele está pensando que ele está delirando. Que *Eu* não posso possivelmente ser *eu*. Que *ela* nunca iria fazer as coisas *Eu fiz*. Que *ela* e *eu* não somos nada parecidas.

—Jase... — Começo, mas ele segura a mão para me silenciar.

—É a minha vez de falar, — diz ele gravemente, seus olhos vagando meu corpo, febril, em pânico, e não importa onde ele olhe, seu olhar sempre volta para descansar no meu quadril.

Engulo grosso, fechando os olhos por um instante, porque eu sei o que vem depois, a minha alma oprimida pela futilidade absoluta de tudo.

Jase abre a boca para dizer algo, mas fecha novamente, como um peixinho dourado que foi acidentalmente derrubado de sua tigela. Aquele olhar atordoa, selvagem cresce mais desesperada a cada momento, e estou muito triste de repente.

—Antes eu te amei, — a voz de Jase racha, —Será que ele a salvou?

Meus olhos me traem. Eu, a garota que não chora, com lágrimas do tamanho de rios que correm pelo seu rosto. Devo parecer uma bagunça.

—Jason, — Engasgo.

—Diga-me, — diz ele, com os olhos arregalados e chocados, com as mãos tremendo. —Diga-me a verdade.

Eu não posso. *Eu não posso fazer isso.*

—Ele me deu uma tatuagem, — minto, engolindo em seco. —É assim que eu o conheci.

O rosto bonito dá voltas em um vestígio aterrorizante de dor e desespero de Jase.

—Você está mentindo, — ele grita, me jogando em frente ao estacionamento. Caio no chão com um baque, minha cabeça e minha bunda tendo o peso do concreto duro. Vejo estrelas como ele atravessa meus quadris, puxando a minha camisa.

—Não! — Imploro, empurrando suas mãos longe. Ele me ignora, e vai para baixo, com os olhos tão perto de minha pele nua, e a luz sob as lâmpadas de rua artificiais tão dolorosamente

brilhantes, é como se eu estivesse espalhada nua na frente dele, todos os meus segredos e mentiras na íntegra sendo vistos.

Aperto meus olhos fechados e soluço quando sinto sua respiração quente no meu quadril. Choro quando ele traça essas sete linhas feias com os dedos trêmulos, praticamente invisíveis a menos que você está procurando por elas.

Não tenho dúvida agora sobre o que ele vê e o que ele sabe.

Abro os olhos, quando eu o ouço engasgar. Ele rola de cima de mim, inclinando-se para trás em suas mãos em uma espécie de transe. Há lágrimas nos olhos.

—É verdade? — Ele pergunta, sonhador, e não sei se ele está me perguntando, ou o ar da noite que nos rodeia.

—Eu pensei que você estivesse morta, — diz ele para mim, incrédulo, e ele de repente é um adolescente com medo de novo.

Eu não posso pensar. Eu não posso falar. Estou de repente muda. O que eu devo dizer?

—O que diabos você está *fazendo* aqui? — ele pergunta. —*É mesmo real*?

Não posso falar, por isso, com medo de que se eu falar e uma vez que eu confirme suas suspeitas, ele vai me matar.

—Responde-me, — ele grita, inclinando-se e me sacudindo pelos meus ombros.

Estou tão terrivelmente com medo. —Você vai atirar em mim? — Pergunto em voz baixa. —Ou você vai dizer ao seu pai o que eu fiz?

A minha alma está resignada a qualquer destino que ele escolha para mim. Ele merece escolher, pelo menos.

Ele parece chocado. —Eu prometo não te matar se você me disser o que você fez. O que você está fazendo aqui. —Ele repete a frase mais uma vez que as lágrimas em meu coração. —É você mesmo? — Ele balança a cabeça lentamente, meio enlouquecido. —*Eu pensei que você estivesse morta*.

—Eu matei seus irmãos, — finalmente sussurro, meio louca quando tudo cai fora de mim. —Envenenei Chade. Segurei o coquetel cheio de estricnina debaixo do nariz de Maxi até que ele teve uma overdose. Plantei as bombas que mataram os outros dois. —Chupei uma respiração profunda e começo a chorar de novo. Não posso olhar para ele mais, então olho para o céu em seu lugar.

Ele deixa de lado os meus ombros e coloca as mãos em cada lado do meu rosto, me guiando da posição que ele me pressionou para baixo, de costas no chão.

—*Juliette*, — Ele sussurra, e a maneira como ele diz meu nome, o meu nome *real*, faz minha alma ascender.

—Eu não sinto muito, — choro teimosamente, encontrando seu olhar. —Depois do que eles fizeram comigo... *nenhum deles sofreu o suficiente*.

Suas mãos apertam minha cabeça mais e aperto meus olhos fechados.

É isso. Ele vai quebrar o meu pescoço.

Empurro meu corpo inteiro quando sinto um conjunto de lábios na minha boca, um beijo de fogo que poderia iluminar o céu noturno acima de nós. Eu não posso ajudar, mas respondo com meu corpo traindo seis anos de saudade e desespero em um único momento.

É melhor do que eu jamais pensei que seria, estar beijando Jason Ross novamente. Suas mãos se movem nos meus quadris e me esfregando mais perto, nossos peitos pressionado juntos, nossos corações batendo rapidamente juntos.

E se eu dissesse que queria esse momento sendo de outra forma, eu estaria mentindo. Porque, ele sempre vai acabar assim, em um momento de glória. Ele sempre vai descobrir que eu sou *sua*. Que eu estou viva e em frente a ele, destroçada de minha vingança. Eu não contei com que fosse tão cedo, mas ele é inteligente, e eu o subestimei.

—Cristo, — ele sussurra entre beijos famintos. —Julz. Você está aqui. Você está *aqui*. —As mãos dele estão quentes quando elas deslizam contra o meu estômago vazio, minha camisa pendurada aberta graças a ele violentamente rasgada apenas momentos atrás, tocando cada parte exposta da minha carne. Não é um ato sexual tanto quanto um desesperado; um toque que levanta a questão *Isso é real?*

Finalmente, ele se afasta e eu vejo que seus olhos estão brilhando, também.

—Eu não vou matar você, — ele rosna. —Quem você acha que eu sou?

Afasto-me um pouco, minha pele em chamas onde quer que ele me toque.

—Acho que você é o filho de Dornan, — digo com tristeza. —E você só beijou a menina que vai matá-lo.

Ele olha em meus olhos, a minha boca, e desce de novo, me devorando com sua boca. Estou confusa, mas não luto contra isso. Ele estava com tanta raiva, há poucos minutos atrás. Será que ele não quer me matar por que eu fiz?

Seus lábios deixam minha boca e trilham quentes beijos molhados no meu pescoço. —Eu vou parar, — ele suspira entre beijos. —Você diz que para e eu vou parar, eu juro.

Corro meus dedos pelo cabelo curto, cada cacho como uma emoção para os meus nervos

hipersensíveis.

—Não pare, — digo, lágrimas vazando dos meus olhos. —Por favor, não pare nunca.

Eu sei que ele vai parar de me beijar em breve, e então ele vai ficar com raiva de novo, e ele vai querer saber *por que*. Mas agora, suspenso no tempo, beijando o menino que perdi todos esses anos atrás, eu não posso ajudar, mas acho, mesmo que ele vai me matar?

Pelo menos temos de fazer isso em primeiro lugar.

Quatro e Contando

Amor e ódio não são tão diferentes assim.

Dois lados da mesma moeda, o yin e o yang.

Era uma vez, Jason Ross me amava. E agora que ele sabe o que eu fiz, eu vejo o amor e o ódio em guerra dentro dele.

Eu vejo o jeito que ele olha para mim.

A maneira como ele se pergunta como eu poderia fazer as coisas que eu fiz.

Ouço a maneira que ele me pede para parar, para deixar esta vida e fugir com ele.

Mas só há uma maneira que estou deixando LA.

E isso vai ser quando Dornan e o resto de seus s estiverem mortos e enterrados.

Jase pode me perdoar pelo que eu fiz.

Mas ele vai me perdoar pelos crimes que eu ainda estou para cometer?

Continua...

Incentive os revisores contando no nosso blog o que achou da história do livro.

http://talionistw.wordpress.com/

Todos os arquivos aqui postados são para leitura pessoal.

É proibido postar e/ou anexar nosso conteúdo em outros blogs, fóruns, grupos, redes sociais e afins.

Nosso trabalho é gratuito e não temos nenhum tipo de lucro.